

DAYLA GONÇALVES DUARTE

**NA LIVRARIA TEM?
O LIVRO DE ARTES PLÁSTICAS/VISUAIS PARA CRIANÇA**

**BRASÍLIA
2013**

DAYLA GONÇALVES DUARTE

**NA LIVRARIA TEM?
O LIVRO DE ARTES PLÁSTICAS/VISUAIS PARA CRIANÇA**

Trabalho de conclusão do curso em
Artes Plásticas, habilitação em
Licenciatura, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.
Orientador: Professor Luiz Carlos
Pinheiro Ferreira

**BRASÍLIA
2013**

AGRADECIMENTOS

São muitos os que desejo e devo agradecer. Começo por Deus que permitiu encontrar tantos benfeitores pelo caminho, das quais minha memória há de esquecer nomes, mas não o auxílio a que tive a imensa sorte de receber e que agora lhes dedico e registro mediante minha alegria em finalizar mais essa etapa da minha vida.

Começo por aqueles que me são meu porto seguro, Mãe, Pai, meu irmão Diego e todos meus demais parentes que são meus investidores fieis, sempre acreditando nos meus sonhos e potenciais.

A todos meus amigos, que me fortaleceram para chegar até o fim dessa jornada, em especial a Tino Freitas e Ana Paula Bernardes, meus padrinhos mágicos!

Aos professores, Dra. Ana Beatriz Barroso, que me presenteou com a oportunidade de iniciação à pesquisa e me permitiu voar além de qualquer fronteira! Ao meu orientador Mestre Luiz Carlos Pinheiro que aceitou o convite de continuar desbravando esse céu! A Dra. Renata Sant'Anna, do qual sem o seu o trabalho pioneiro e sem sua boa vontade não teria concluído com êxito este trabalho.

A TODOS, OBRIGADA!

RESUMO

Este trabalho acontece em caráter teórico propositivo na análise da disponibilidade de um dos meios de comunicação na formação estética e no processo de educação visual: O livro de Artes Plásticas/Visuais para criança, se dando a investigação sobre o lugar que ocupam em livrarias. Por meio de seleção bibliográfica, navegações em rede e pesquisa de campo em quatro livrarias do Distrito Federal, pesquisou-se, o significado do livro na contemporaneidade, sua expansão e alterações sofridas no seu significado como objeto, como cultura. Investigou-se também, as características dos livros para as crianças, no que tange sua identificação, classificação, história, direcionamento a público específico, pensando aspectos pedagógicos e literários por um viés histórico, que se apoia em duas outras histórias – a do livro e a da criança – afunilando para a história do livro de arte para crianças no Brasil. Por fim, compartilham-se os resultados quantitativos e qualitativos das entrevistas as livrarias tecendo reflexões sobre a relação de um dos agentes que autenticam o tema arte dentro da literatura infantil, com o intuito de pesquisar a acessibilidade pelo lugar que ocupam, e dessa maneira, contribuir no incentivo do uso do livro de arte para a criança, como objeto criativo que é em seu todo, na fruição da vivência da arte-educação.

Palavras-Chaves: Arte, Criança, Educação, Livro.

ESTÁ ABERTO, POR ONDE COMEÇAR?

SE VOCÊ LER VOCÊ VAI VER.....	06
SENTA QUE LÁ VÊM A HISTÓRIA	07
1. DESMONTEI PARA VER COMO FUNCIONAVA.....	09
1.1.O livro.....	09
1.2.O livro para criança.....	11
1.3.O livro como meio de ensino.....	16
1.4.O livro como objeto de cultura e cultura.....	19
1.5.O livro de arte para criança.....	22
1.5.1. <i>Era uma vez</i>	24
1.5.2. <i>Deus Cronos e a gula livresca</i>	27
2. PARA CONTINUAR FOI ASSIM.....	31
3. NA LIVRARIA TÊM?.....	34
O FIM QUE NÃO ACABA.....	40
A CURIOSIDADE NÃO É SÓ MINHA.....	45
ANTES DA CONTRACAPA.....	48

SE VOCÊ LER VOCÊ VAI VER

- Figura 01: LÜHNING, Angela. Fotografando Verger. Cia das Letrinhas, 2011.....p.14
- Figura 02: AMARAL, Tarsila do. O Anel Mágico de Tia Tarsila. Cia. das Letrinhas, 2011.....p.14
- Figura 03: ARANHA, Cecilia; VIEIRA, Rosane Acedo. Encontro com Krajcberg. Editora Formato, 2012.....p.15
- Figura 04: OBIOLS, Anna. Monet - Philippe e Claude são amigos. Ciranda Cultural, 2012.....p.15
- Figura 05: PITAMIC, Maja. Fazendo Arte. São Paulo: Publifolha, 2012.....p.15
- Figura 06: PENROSE, Antony. O menino que mordeu Picasso. São Paulo: Cosac Naify, 2011.....p.15
- Figura 07: PRATES, Valquiria e SANT'ANNA, Renata. Regina Silveira – O olho e o lugar. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.....p.29
- Figura 08: BITTENCOURT, Edgard, CARVALHO, Maria do Carmo e SANT'ANNA, Renata. De dois em dois – um passeio pelas Bienais. São Paulo: Cosac Naify, 2010.....p.29
- Figura 09: PRATES, Valquiria e SANT'ANNA, Renata. Lygia Clark – Linhas Vivas. São Paulo: Editora Paulinas, 2006.....p.29

SENTA QUE LÁ VÊM A HISTÓRIA¹

O início deste trabalho começa por um brincar. Na descrição do sumário¹, faço uso de algumas de minhas memórias relacionadas à atemporalidade da vivência junto aos livros, como livreira, como leitora, ilustradora, deixando vir à tona também, o que nunca nos vai embora, o devir infância.

A escolha desse tema foi uma conspiração! Brincadeiras a parte, posso dizer que todos os passos, atalhos, durante o caminho facilitaram a chegada a esse mar. Antes de iniciar a licenciatura em artes plásticas, já exercia o ofício de livreira, atuando por bom tempo no setor de literatura Infantil, o que propiciou vários devaneios, encontros e viagens mágicas com livros, autores, ilustradores, admiradores e demais agentes, sem falar que desde pequena ouvia atenta às histórias contadas por meus pais e outros familiares. Concomitante, devido ao curso de disciplinas, não as somente ofertadas pelo Departamento de Artes Visuais, mas também as de educação, de psicologia, de pedagogia e de filosofia, essa pesquisa pode vir à tona, sendo a cereja deste bolo minha atuação como mediadora em centro cultural.

Neste trabalho entendo a nomenclatura “livro de arte para criança” sendo aqueles cujo tema sejam artes plásticas/visuais, objetivando saber qual o lugar destes nas estantes das principais livrarias do Distrito Federal por intermédio da fala dos livreiros e de visita a esses espaços.

Sobre os escritos que se seguem, em **O livro**, pensamos na expansão do significado deste na contemporaneidade; em **O livro para criança**, reflete-se sobre algumas características que compõem a identificação da literatura infantil; em **O livro como meio de ensino**, buscando apoio na história da compreensão sobre a criança, investigou-se o quando e o porquê é que o livro se torna recurso de ensino; em **O livro como objeto de cultura e cultura**, algumas reflexões são suscitadas sobre nossa leitura e julgamento no pensar o mundo e sobre aqueles que o vivenciam em virtude dos significados que atribuímos aos objetos; em **O livro de arte para criança**, a cronologia do

¹ O título desta introdução faz menção à chamada de um dos quadros do programa exibido na década de 90, chamado Rá-Tim-Bum pela TV Cultura.

mercado editorial na publicação destes é apresentada, assim como a influência das mudanças na metodologia do ensino da arte educação e de demais agentes como museus e instituições de ensino; por penúltimo são apresentadas as reflexões acerca das visitas as livrarias, gerando por último apêndice com mapeamento dos títulos disponíveis encontrados.

Agora é folhear a próxima página.

1. DESMONTEI PARA VER COMO FUNCIONAVA

1.1. O LIVRO

Dentre as definições do que é livro, não se nega o objeto, sua função de registro e propagador de conhecimento. Sobre o aspecto de ser um objeto, ele ainda o é, não perdeu esse status, mas é preciso falar de sua mutação e da expansão do seu significado. Neste caso, significa pensar nas alterações da maneira como é atualmente publicado, que implicam novas modalidades de publicação não se restringindo somente a impressa.

O historiador Roger Chartier, em seu livro *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, nos fala do objeto-livro hoje, sendo a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido chamando a atenção para as diferenças de sua relação com o leitor. Desde a antiguidade à contemporaneidade, o livro era manuseado de forma direta, o contato era *leitor-livro*. Entretanto, hoje, quando se opta por ler um livro eletrônico, o contato é *leitor-tela-livro*, o que nas palavras do autor poderia ser definido como: "a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler." (CHARTIER, 1999, p.13).

Outro fato que explica as novas atribuições de sentido ao livro em suas diferentes modalidades são que as informações que agregam a *imagem-objeto-livro*, que predominantemente permanecem baseadas nas estruturas fundamentais do códex², são tão fortes e enraizadas que transferimos as palavras relacionadas ao seu vocabulário para as novas tecnologias e modalidades de publicação, criando uma extensão e modificando o significado do que é ser livro como objeto e não criando e redefinindo um novo vocabulário

² "Objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão de cadernos. Estes cadernos são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isso existe desde a época do manuscrito." (CHARTIER, 1999, p.7-8)

para as novas tecnologias. Giselle Beiguelman, outra pesquisadora do tema, escreve que:

Isso não nos remete a um mero problema de erro de termos, mas a um problema epistemológico. A identificação do conteúdo *online* com a página reitera a linearidade de uma história sobre o mesmo que se faz pelo apaziguamento das instabilidades. (BEIGUELMAN, 2003, p.11)

Chartier também chama a atenção para esse aspecto, porém, como defasagem e domesticação, no sentido de que se modifica a estrutura e elementos de algo (nesse caso, o livro impresso) que já nos era familiar, e, paralelamente, de forma consciente ou inconsciente, há um esforço para continuar impondo os critérios e estruturas do universo do livro impresso para o texto eletrônico, sendo identificado como uma dificuldade de perceber a inovação como inovação havendo a tentativa de limitar por meio de terminologia já nos conhecida ou por nossos habituais costumes (zona de conforto): “elementos que são imposições da antiga forma do texto em uma estrutura que permitiria muda-la totalmente, sem pensar na relação entre textos e notas, sem utilizar a terminologia do livro impresso” (CHARTIER, 2001, p.149).

Como um exemplo desse mutualismo e simbiose das diferentes possibilidades e especificidades que ambos universos, impresso e eletrônico permitem, podemos citar os livros virtuais, possibilidade apresentada pela pesquisadora Dra. Ana Beatriz Barroso, professora do departamento de Artes da Universidade de Brasília. Utilizando recursos disponibilizados por sites como, blogs, *wordpress*, *tumblr*s e afins, e a possibilidade que esses permitem de que haja interferência direta em seus códigos ou/e pela escrita multimídia e hipertextual na cibercultura: “publicar um livro³, (...) pode ser simplesmente transformar um *weblog*, que tenha características conceituais de livro, em um *website*.” (BARROSO, 2011, p.7).

³ “O livro é este lugar e neste contexto ele é virtual não só em função da virtualidade própria do ciberespaço, mas também por ser dado como potência texto incompleto, desejoso de vir a ser completado, lido e escrito por nós, em novelos, na leitura imersiva (SANTAELLA, 2004) do navegante-viajante.” (BARROSO, 2011, p.5)

Independente de reflexões e discussões sobre ser necessário ou não a redefinição do livro eletrônico, a realidade é que se expandiu e se redirecionou o seu sentido. Livros impressos e eletrônicos ainda partilham do mesmo “nome” e estão sendo vivenciadas as relações entre superfície e interface. Em virtude disso, hoje se admite o uso da palavra livro para identificar:

Projetos criativos que têm como denominador comum o fato de expandirem e redirecionarem o sentido objetivo do livro, permitindo pensar experiências de leitura pautadas pela hibridização das mídias e cibridização dos espaços (on line e off line). (BEIGUELMAN, 2003 p.10 -11)

1.2. O LIVRO PARA CRIANÇA: identificação e características

De acordo com as investigações de Jesualdo Sosa (1978), no que diz respeito às características que distinguem uma literatura infantil, quatro elementos essencialmente constituem essa denominação. Os primeiros fatores são: uma atividade feliz e fácil e um final feliz. Sendo feliz e fácil no que diz respeito a toda a dedicação e o esforço que são recompensados. Acerca dessa característica outro pesquisador, o psicanalista Bruno Bettelheim, também escreveu sobre, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas*, lembrando que as dificuldades da vida são inevitáveis, “mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa” (BETTELHEIM, 2007, p.15) obtendo então a tal recompensa.

A justificativa para tal característica seria que a partir do momento em que o uso dos sentidos e das construções mentais se torna penosas, a criança começa a se interessar pela “percepção analógica e confusa” (SOSA, 1978). Aqui o autor relaciona a confusão à imaginação que a criança introduz em suas brincadeiras, mas uma imaginação que não abdica da razão, pois ela é inspirada pela realidade fornecedora das imagens que proporcionam a dinâmica que não opõem resistência à atividade livre e triunfal do herói, pois:

Essa qualidade imaginosa é que afirmará, em primeira instância, o máximo interesse de expressão para a criança. Vida mais imaginativa do que real (...) que caracteriza todas as etapas iniciais da criança, seu tempo de invenção para suprir o que ignora, em relação com a distância que vai do raciocínio à comprovação experimental, é tão fundamental como o movimento interior de suas relações cognoscitivas. Seu mundo íntimo, que se vai revestindo de contradições para sua mentalidade, com a multiplicação de imagens, colaborará no conhecimento de que gradualmente necessitará. (SOSA, 1978, p.37)

E é pelo uso de sua imaginação que a criança consegue se projetar na exploração de seu próprio drama. Esse dramatismo é a segunda característica da literatura infantil, de acordo com Jesualdo Sosa, “O drama é importante para a criança como tradução de seus movimentos interiores e quanto o pequeno leitor, nele, se sente viver.” (SOSA, 1978, p.39) Recorrendo uma vez mais as pesquisas de Bruno Bettelheim, a cerca do dramatismo, se reforça, que é através das histórias que a experiência da literatura dá acesso, a um significado mais profundo para a criança em cada estágio de seu desenvolvimento:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; (BETTELHEIM, 2007, p.11).

Assim, por meio das narrativas imaginárias das histórias, elas sugerem à criança imagens pelas quais ela pode estruturar seus devaneios⁴ e com eles dar melhor direção a sua vida. Podemos citar os contos de fadas e clássicos, que acabaram sendo associados, exclusivamente a literatura infantil e que têm em si a presença do maravilhoso e a peculiaridade de apresentar um universo em miniatura, além e elementos como do universo fantástico, o animismo, o antropomorfismo, o onirismo e a magia, que são recorrentes na narrativa desse gênero. Exemplificando, podemos citar o livro *O Anel Mágico* de Tia Tarsila, cuja protagonista, ao colocar o anel que herdou da tia, a encontra em diferentes momentos, cenários pertencentes à biografia dela; no livro *A História de Biruta*, quem nos guia pelas 37 imagens do artista Jean-Baptiste Debret, é um cachorro que vive no Rio de Janeiro do séc. XIX; *O Jardim Mágico* de

⁴ BACHELARD, Gaston; *O ar e os sonhos*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Claude Monet, por sua vez, promove um encontro entre uma menina, seu cão e um jardineiro, que exploram juntos algumas das paisagens que inspiraram o artista francês.

Como os dois últimos elementos da literatura infantil, Sosa apresenta a invenção e a linguagem, e a técnica do desenvolvimento. Isto é, a maneira como se apresenta, o instrumento utilizado no desenvolvimento do drama. Na técnica, nos seria dado admirar, analisar o modo como o autor desenvolve o trecho dos acontecimentos ante o suposto desejo do leitor, a maneira que distribui os elementos imprescindíveis, reais ou ilusórios, para o desenvolvimento do assunto. Já na linguagem, pode-se perceber a habilidade do criador: “Quanto mais depurada a expressão, quanto mais simples e bela a entonação da linguagem, mais a criança apreciará a leitura, para a qual se sentirá mais atraída” (SOSA, 1978, p.39).

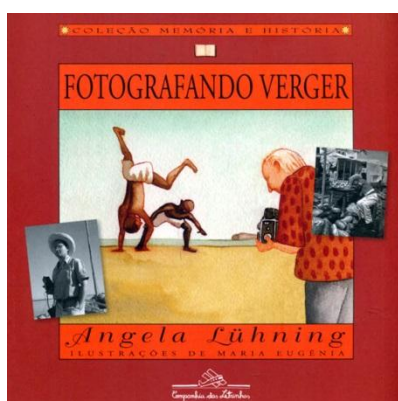
A pesquisadora Regina Zilberman (1987), também apresenta algumas características particulares do gênero, cujo primeiro fator é que a literatura infantil está estritamente direcionada a certo tipo de leitor: a criança. Onde sobre todos os meios empregados pelo autor para estabelecer uma comunicação com o leitor infantil podem ser resumidos sob a denominação de adaptações estruturais: assunto, forma, estilo e meio.

Adaptação de assunto. Não excluindo que não existam histórias originais, mas que sempre há a preocupação de se pressupor a compreensão de mundo do receptor e por isso há uma restrição no tratamento de certos temas, ou seja, o seu uso visa não colher ou identificar a opinião do leitor, mas a formar as opiniões do leitor (HUNT, 2011) quem escreve são adultos e, portanto se percebe controle, decisões morais.

Adaptação da forma. Levando em consideração a percepção do leitor sobre o real, o enredo, na maioria das vezes, se dá de forma linear; os personagens são pensados para motivar identificação; há uso de *flashbacks* ou se interrompe o andamento da história para introduzir conceitos e ensinamentos morais, ou ainda, o autor para manter a atenção evita trechos muito longos

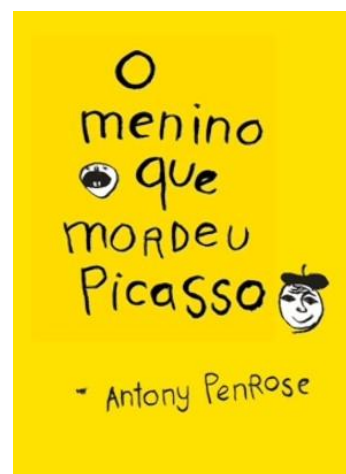
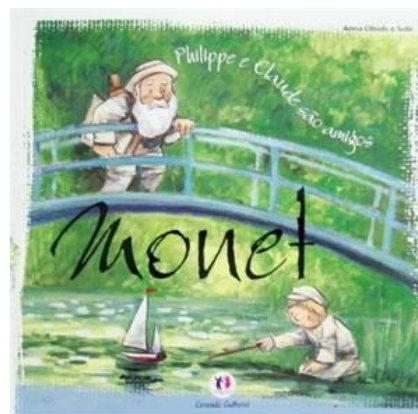
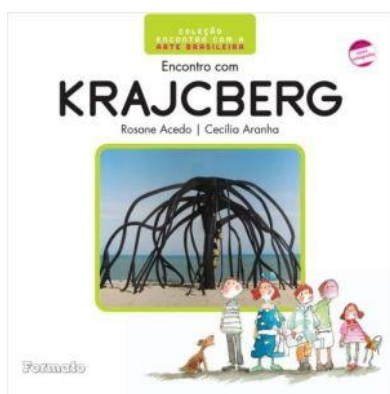
com descrições e adota mecanismos de suspense intensificando a ação da aventura.

Adaptação de estilo. Sobre vocabulário, morfologia e a formulação sintática: frases e elos frasais relativamente curtos, poucas orações subordinadas, geralmente de primeiro grau; utilização mínima da voz passiva e do discurso indireto; pouco uso de atributos e nominalizações mais complexos e falta quase total de compostos nominais mais complexos. Trazendo à tona alguns exemplos, podemos destacar a puerilidade, que se percebe principalmente pelo uso de diminutivos, ou de palavras ou termos infantilizados, e na presença de marcações do discurso oral (HUNT, 2011, p.160) “Na nossa rua tem uma casa vermelha, cor de xangô (...) Ele morava sozinho – mas acompanhado de muitos livros e fotos que ele mesmo havia tirado. **Ah**, e também tinha dois gatos...” (LÜHNING, 2011, p.7); “**Era uma vez** um país chamado Brasil” (FIGUEIREDO, 2011 p.11); “Eu gostava muito de visitar minha Tia Tarsila.(...) Ela foi, **muito, muito** famosa, você deve conhecer algumas pinturas que ela fez.” (AMARAL, Tarsila do. 2011⁵).



⁵ Texto advindo da contracapa do livro.

Adaptação do meio. Com presença de ilustrações e demais referências visuais, que são características que antecipam e, às vezes, é somente por elas - nem chegando a ler o texto do livro ou saber da editora responsável pela publicação, que muitos usam para classificar os livros para criança. Entram aqui elementos de paratexto: formato do livro, fonte tipográfica, título, capa, guardas, frontispício, quantidade de páginas, gramatura do papel, cor e etc. Como escreveu Regina Zilberman (1987), certa vez, se pode considerar a existência de uma literatura Infantil, com características bem definidas, referente aos aspectos editoriais.



Nesse sentido, os livros para criança possuem uma liberdade e uma variedade imensa em todos os itens possíveis de sua diagramação. Em comparação aos demais gêneros literários, essa é a primeira característica perceptível, mas isso não quer dizer que não existem “regras implícitas”, como por exemplo, quase sempre uma ilustração e/ou fotografia e/ou imagem relacionada, nas diversas possibilidades, *com* o texto ou *como* texto, e que sempre faz parte da composição da capa. O uso da cor, na maioria das vezes, ocorre na pluralidade de suas combinações, desde na fonte dos títulos, *layout* das páginas, escolhas de imagens para arte das capas, etc.; o formato, o tamanho do livro, também são bastante variados, mesmo os manuais de diagramação distinguindo somente três categorias⁶, o volume de páginas do livro normalmente é menor, e folheando o livro, nota-se que a quantidade de texto por página é menor e acompanha um juízo de valor sobre a compreensão e habilidade de leitura com a faixa-etária, assim como o tamanho das fontes escolhidas - se for um livro para a idade de alfabetização normalmente a letra é maior; a tipografia que “predomina” no texto do conteúdo é sem serifa ou sem os pequenos traços e prolongamentos que ocorrem no fim das hastes das letras, a numeração nas páginas não é obrigatória, entre outros diversos itens, que também são aspectos de um reconhecimento de senso comum sobre a classificação de uma literatura Infantil ou de livros para crianças.

1.3. O LIVRO COMO MEIO DE ENSINO

Historicamente, sabemos que a criança e a infância nem sempre foram tratadas com a especificidade que são hoje. Por meio de várias mudanças indiretas e diretas, progressivas, somente durante o século XVII a palavra *infância* se restringiu ao seu sentido atual. (ARIÈS, 1981.)

⁶ “Os manuais de diagramação distinguem três categorias de tamanho em função do leitor: livros que abertos são segurados facilmente com uma mão, como os de bolso; livros que podem ser pegos com uma mão quando fechados, mas que seguramos com as duas durante a leitura; livros que pegamos com as duas mãos e devem ser lidos com algum suporte.” (LINDEN, 2011, p.55)

No século XVIII, posteriormente à ascensão das famílias burguesas, a criança e a escola sofreram alterações em como são e eram vistas socialmente de forma decisiva. A família passa a ser responsável pela formação social e pela educação de seus membros. Essa ação provocou reações: na criança, o isolamento do todo social⁷ na alteração da indiferença outrora vivenciada, pelo controle “obsessivo”, cujo um de seus maiores agentes de controle, além da família, será a Escola, que sofre reforma de propósitos e funções, além de outros aspectos em relação à sociedade enquanto instância política, clima moral e papéis sociais. É basicamente nesse cenário que educadores vêem a possibilidade de usar a literatura como forma de suprir, entre alternativas encontradas, o confinamento ao qual foi submetida à criança burguesa, que antes tinha como agente de sua formação a vivência nos espaços comuns ao grupo que comungava, e trazem a tona, as novas ideias pedagógicas relacionadas ao ajuste das diferentes condições dessa faixa etária.

Há divergências sobre a origem da literatura infantil e seu significado atual. Alguns pesquisadores, como Regina Zilberman (1985) e Maria Lúcia Amaral (1971), por exemplo, aceitam a origem associada aos aspectos pedagógicos, cujo aparecimento se estabelece em meados do século XVIII. A aproximação entre a instituição de ensino e o gênero literário, onde as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento de ensino e educação, alicerçado ao novo status da infância. Porém, há pesquisadores como Lúcia Pimentel Góes (1984), que questionam e propõem que é no século XVIII que ocorre o surgimento do livro infantil, mas que a literatura infantil tem origem na idade oral do mito⁸. Da mesma forma, Cecília Meireles (1979) nos escreve que a literatura, na pluralidade de seus gêneros, tem sua primitividade na oralidade, anterior ao livro, e que “literatura infantil” entendida na contemporaneidade se trata mais de uma especialização literária visando particularmente os pequenos leitores: livros para crianças, onde Literatura Infantil deveria “em lugar de ser a que se escreve para as crianças, seria a que as crianças lêem com agrado” (MEIRELES, 1979 p. 77).

⁷ PERROTTI, Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo: Ícone. 1986.

⁸ GÓES, Lúcia Pimentel. 1984. p.47-57.

Independente de algumas divergências, a informação da relação entre aspectos pedagógicos e literatura no século XVIII é aceita entre os teóricos pesquisados para entender o início do uso de um meio: o livro para criança/literatura infantil, como recurso para alcançar objetivos de ensino, educacionais. Recorrendo a esse histórico, podemos depreender que instituição de ensino e obra de ficção, que apesar de possuírem a mesma função - estarem voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem -, não se identificam, e o pretexto do uso da obra de arte ficcional somente em sala de aula com intuito pedagógico não é argumento válido, pois o que representou foi à sujeição da arte ao ensino.

É possível dizer que, apesar das diferenças estarem a cada dia, mais perceptíveis para o senso comum, ainda se é vivenciada uma dicotomia quando se fala de definir o que é classificado nos livros para crianças como Literatura Infantil e livros didáticos e reticências demais possíveis, pois ainda há resquícios de uma carga de utilitarismo e de formação de aspectos morais que advém de ideias do passado.

Recorrendo as palavras dos educadores Lourenço Filho (1984) e Regina Zilberman (1987), sobre os livros didáticos e os demais dirigidos a criança, cuja compreensão diferem no que se entende por uma “literatura infantil”, mas que se complementam ao mesmo tempo, no momento em que se pensa sobre a função de ambos em relação à formação:

A pouco e pouco, no entanto, os dois campos se delimitaram, com nitidez. Conceituara-se, de uma parte, a ‘literatura didática’, dos livros de estudo, ou ‘próprios da escola’, embora de feição modernizada; e, de outra, ‘a literatura infantil’, constituída de obras de gênero diverso, composta não com sentido informativo ou puramente educacional, mas no sentido de ‘arte’, que pudesse ser apreciada pelo espírito infantil e que, para sua formação, viesse a concorrer. (LOURENÇO FILHO *apud*, GÓES, 1984, p.5)

(...), explicita-se a duplicidade congênita à natureza da literatura infantil: de um lado, percebida sob a ótica do adulto, desvela-se sua participação no processo de dominação do jovem, assumindo um caráter pedagógico, por transmitir normas e envolver-se com sua formação moral. De outro, quando se compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que lhe facilita a ordenação de experiências existenciais, através do conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio linguístico. (ZILBERMAN, 1987, p. 14)

Reconhece-se que os livros destinados às crianças independentemente da questão gênero, tem a função de conhecimento, mas logicamente em aspectos diferentes, o que não impede e não deve impedir a criação e o uso de possibilidades viáveis, que fazem a didática dialogar compartilhando ou alternando a hierarquia de poder, trazendo a tona as virtualidades cognitivas do texto literário. A Literatura Infantil atua como conhecimento, não porque transmite informações e ensinamentos morais que seriam características dos livros pedagógicos, mas porque pode dar ao leitor, qualquer que o seja, as possibilidades de desdobramento de suas capacidades intelectuais.

O livro para criança oscila desse modo, entre o auxílio ao intelecto como elaboração literária, detentora de uma capacidade estética que a aproximou da literatura e da arte e a formação pedagógica e moral (livros didáticos, de não ficção e paradidáticos), que lembremos que suas funções são amplas e diria indispensáveis ao ensino.

1.4. O LIVRO COMO OBJETO DE CULTURA E CULTURA

Objeto imbuído de significados. Significados, que ultrapassam seu uso como suporte, como materialidade. Matéria para que? Para constituição de múltiplas leituras:

O que é?

O que há dentro?

Sobre o que?

Qual seu uso, sua funcionalidade, tem de haver?

Quem o usa, para que esse quem o faz uso?

Quem é esse quem?

Toda uma leitura que está disponível para ser feita, que é feita, inconsciente, involuntária, já natural, automática. Baseada na sua história, na minha, na deles, na nossa história, na de todo o mundo. Criada (isso mesmo, criação!)

por diálogos, coleções de lembranças, memórias, tempos: passado, presente, futuro, vivências, advindas de várias relações, entre elas: você com você, você com os outros, os outros com você, nós e adiante. Não precisou nem ao menos se abrir a capa, folhear páginas para em menos de segundos, se aceitar, sem ter consciência, que uma leitura foi feita, terminada: fim. Você leu e ninguém se quer percebeu.

Essa leitura, já dizia o sábio mestre Paulo Freire (1988), que precede a da palavra: a leitura do mundo, acontece sobre tudo que está ao nosso redor. Você é ser significante, que significa, que lhe tem atribuído significados e que os atribui também. Pode parecer meio confuso, mas é assim mesmo, singular, plural, tudo junto, ao mesmo tempo e misturado. Não adianta dizer que há preguiça em ler, que não se gosta, é inevitável: estamos lendo o tempo todo.

Neste trabalho, o livro, é nosso objeto, material e imaterial, de cultura: “não é possível pensar o livro desarticulado do contexto em que foi produzido ou da visão de mundo à qual está atrelado, das circunstâncias que o criaram e das relações estruturais às quais está articulado.” (CARVALHO, 2008.) O livro é resultado de um processo de produção, é mercadoria, do qual são relevantes relações de compra, venda, preço, circulação, consumo, público-alvo entre outros agentes que expandem nossa compreensão, indo além das articulações entre forma e conteúdo, de como as pessoas se relacionam e produzem significados junto a ele: “É importante levar em consideração que o consumo literário tem relação direta com este contexto e que, de certa forma, os agentes envolvidos constituem, em algumas situações, fator de prestígio.” (CARVALHO, 2008, p. 107)

Além de ser livro, refinamos nossa busca para pensar em um objeto cujo conteúdo fale de arte, para público determinado: a criança, em lugar específico: a livraria. Temos quatro temas que separados já detêm atribuídos a si variadas significações e que unidos para pensar o Livro de Arte para Criança, dão asas para novos significados:

carregam marcas históricas que vão, desde a qualidade de impressão e captação da imagem, até a concepção de infância ali implícita –

afinal, o discurso é sempre para um público específico e não dirigido a um ser abstrato e a-histórico (LEITE, 2004, p. 01).

Mediante o reconhecimento dessas marcas, eis um dos fatores importantes, lembrar-se de não sermos passíveis no consumo. Relações são estabelecidas com este objeto cultural, não somente no pensar o livro de arte para criança, mas qualquer livro, seu conteúdo, sua apresentação, seus modos de produção e circulação, bem como o que se pode suscitar a subjetividade dos que tem contato com este objeto.

Nas falas das três pesquisadoras, Renata Sant'Anna (2000), Carla Carvalho (2008) e Maria Leite (2004), nos é lembrado analisar com cuidado a qualidade desses livros de arte, não porque são para crianças, mas porque qualquer livro precisa ter qualidade técnica, visual, incitar a curiosidade, o desejo de ultrapassar a experiência das páginas para ir de encontro a experiência do contato real, no caso das artes plásticas/visuais, com a obra-de-arte:

É necessário analisarmos os projetos editoriais para conhecermos as várias maneiras de apresentarmos as artes plásticas às crianças. Assim publicaremos “objetos” que falem “de coisas que, uma vez terminado o livro, eu poderia continuar a conhecer e a amar...nisto reside, com efeito, um dos grandes e maravilhosos caracteres dos belos livros.” (PROUST, 1905, apud SANT'ANNA, 2000, p.13)

Ainda há muitos que terão como início ou como única oportunidade, a experiência do olhar, a possibilidade a educação visual, por intermédio desses livros e esses “não são materiais para ensinar cultura, mas, sim, materiais de cultura”. (LEITE, 2004, p.15). Fazendo uso da diversidade que dispõe o planejamento gráfico e editorial dos livros de literatura infantil, os livros de artes para crianças neste contexto circulam nas escolas e nos museus, principais espaços de arte-educação, sendo recurso, meio, objeto, que permite ser explorado nos mais diversos usos, com alunos e visitantes, que significam, fruem com estes livros de maneiras diferentes e “neste sentido, construindo significados diferentes com a arte.” (CARVALHO, 2008, p.124).

1.5. O LIVRO DE ARTE PARA CRIANÇA

Continuando a desmontar esse objeto, antes de pensar sobre o livro de arte para criança, fontes de pesquisa sobre o que é o livro de arte, foram almejadas. Porém, assim como ainda é escasso as pesquisas sobre o livro de arte para criança, também o é na investigação sobre a definição e percurso histórico da criação e significação do livro de arte.

No livro *A Página Violada – da ternura à injúria na construção do livro de artista* do pesquisador Paulo Silveira, duas definições de livro de arte foram encontradas. A primeira pela pesquisadora Catarina Knychala que produziu dissertação de mestrado em 1983, para a Universidade de Brasília intitulada *O livro de arte brasileiro* e que de acordo com o autor é o “maior trabalho em extensão a pesquisar o cruzamento entre arte e livro (mas mais simples e claro no desenvolvimento de sua problemática)” (SILVEIRA, 2008 p.63). O estudo apresenta o livro tradicional e algumas variações, como estojo e o formato de álbum, propondo um método de descrição com fins bibliográficos e iconográficos:

Será considerado livro de arte aquele que se apresenta como um objeto com valores estéticos tais como boa qualidade e beleza do papel, dos caracteres tipográficos e da encadernação, arquitetura e diagramação harmoniosas e não necessariamente ilustrado; mas, se contiver ilustração, serão consideradas não só as ilustrações feitas com processos manuais, como a xilogravura, a gravura em metal, a litografia e a serigrafia, como também fotografias artísticas e reproduções por processos fotomecânicos.

Considerar-se-ão, no levantamento dos livros de arte, tanto o livro produzido propositalmente como obra de arte, com técnicas e materiais que o distingue dos demais livros publicados em sua época, com tiragem limitada, e destinado a um pequeno número de pessoas, como também o livro produzido natural e espontaneamente como obra de arte, com técnicas e materiais próprios de seu tempo. (KNYCHALA, 1983 apud SILVEIRA, 2008 p. 64).

A segunda definição, da qual opto por fazer uso da mesma neste trabalho, advém dos estudos e propostas de Clive Phillpot, crítico de arte e consultor da Biblioteca de Artes Visuais do British Council, que motivado a compreender a evidência da arte em formato de livro, compartilha a constatação da problemática para definição do que a coisa é. Em 1982, Phillpot coordenou um

grupo de artigos, *An ABC of Artists' Books Collections* onde apresentou na capa a transcrição dos conceitos de *book*, *art book*, *artist's book*, *book art*, *bookwork* e *book object*:

Livro. Coleção de folhas em branco e/ou que portam imagens, usualmente fixadas juntas por uma das bordas e refiladas nas outras para formar uma única sucessão de folhas uniformes.

Livro de arte. Livro em que a arte ou o artista é o assunto.

Livro de artista. Livro em que o artista é o autor.

Arte do livro. Arte que emprega a forma do livro.

Livro-obra [*bookwork*]. Obra de arte dependente da estrutura de um livro. (PHILLPOT, 1982 *apud* SILVEIRA, 2008, p. 47).

Para completar tal definição, trago as categorias propostas por Renata Sant'Anna (2000) na dissertação *Páginas da História: a criança, o livro e a arte*, pioneira nos estudos sobre o livro de artes visuais/ plásticas para criança:

- livros de atividades;
- livros de imagens;
- livros de história da arte;
- livros temáticos;
- livros ilustrados com obras de arte:
 - a obra de arte como referência das ilustrações;
 - o texto a partir das imagens;
 - as imagens elaboradas a partir do texto;
- livros sobre uma obra;
- livros que apresentam um artista;
- livros de artistas para crianças;
- livros de museus-guias;
- livros de temas relacionados;
- outros livros.

Neste trabalho essas classificações não foram utilizadas ou contrapostas, pois não houve abordagem de análise qualitativa de aspectos editoriais sobre os títulos localizados, mas nos suscita a pensar na variedade de abordagens que essas diferentes escolhas editoriais proporcionam para o assunto, consequentemente interferindo nos contextos e nos indivíduos que farão uso

destes, principalmente do que diz respeito ao ambiente escolar: “É importante a realização de uma análise destas publicações, pois esses livros estão sendo adotados indiscriminadamente nas escolas com o objetivo de despertar nas crianças o interesse pelas artes ou prepará-las para visitas aos museus.” (SANT’ANNA, 2000, p. 25)

1.5.1. Era uma vez...

No final do século XIX, no que diz respeito à publicação de artes para crianças, a pesquisadora Carla Carvalho (2008), nos traz o nome de Pedro Quaresma⁹ como revolucionário da literatura infantil, por lançar pioneiramente coleção escrita em português do Brasil, rompendo com o monopólio dos livros do gênero que até o momento só advinham de Portugal. Um dos textos publicados era “Os meus brinquedos, Theatinho infantil e Álbum das crianças”, sendo talvez a primeira obra com a temática arte do Brasil, mas neste caso se tratando de cênicas.

Direcionando as plásticas, visuais, é na década de 70, que concomitante as novidades relacionadas aos formatos, às relações entre texto e imagem e as concepções gráficas do livro infantil brasileiro, que as editoras descobrem a arte como mercado editorial para crianças.

Antes, porém, de se publicar títulos especialmente sobre artes plásticas para crianças, algumas obra da literatura Infantil já suscitavam apontamentos sobre o tema. Monteiro Lobato (1983), em uma das histórias da obra *Minotauro* de 1983, introduz algumas noções sobre arte, mas não dedica volume específico para tal tema. Segundo Sant’Anna (2000), segue a essa publicação de Lobato, a publicação do décimo volume da coleção *The Child’s Treasure*, traduzida em 1954 como “O mundo da Criança” pela Editora Delta do Rio de Janeiro, exclusivamente dedicado a arte, de autoria de Jane Cooper Bland. O livro apresentava a produção artística em diferentes períodos e lugares, em diversas

⁹ (CARVALHO, 2008, p. 109)

manifestações, tendo a presença de obras nacionais, embora reproduzidas em preto e branco, como as pinturas “O Último Tamoio” de Rodolfo Amoedo e “Canto de Praia” de Antonio Parreras e “Caipiras Negaceando” de Almeida Junior; a arquitetura brasileira representada por igrejas de Ouro Preto e Congonhas do Campo, Prédio do Antigo Paço Imperial e Ministério do Trabalho e da Fazenda no Rio de Janeiro, e a escultura, por um busto de Rodolfo Bernardelli “Perfil de Mulher” e “Oséias e Ezequiel” de Aleijadinho.

E de 1954 até 1980 não se teve notícias de publicação alguma sobre artes, apesar das diversas publicações para crianças. Um dos fatos relevantes é o ensino da arte educação na época. Em todas as fontes de pesquisa sobre esse tema é possível depreender que escola e museu são espaços que interferem majoritariamente na publicação de livros de artes para crianças. Eis uma das atribuições que se pode inferir dessa lacuna de 26 anos sem publicação, onde na década de 70 ainda perpetuava a ideia de métodos e conteúdos do século XIX e que só se afirmaram educacionalmente nos inícios do século XX. Além do ensino da arte naquele momento ser entendido como desenho.

O livro de Arte para Criança e suas variáveis estão completamente atrelados a mudanças na compreensão do ensino da arte educação, desde a publicação ao seu consumo. Com a chegada da nova proposta educacional, que inicialmente surge como metodologia e posteriormente é definida como “Proposta Triangular” por Ana Mae Barbosa em 1987, a apreciação de obras e consequentemente a visita a museus é consolidada como componente primordial ao ensino das artes.

A proposta articula três vieses: o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a contextualização. Assim, o sistema educacional foi estimulado a se preocupar sobre o acesso as crianças as obras de arte e os espaços que elas ocupam: museus, galerias, incitando a busca por livros de artistas nacionais e estrangeiros publicados para crianças, interferindo significativamente no mercado editorial para atender a demanda da procura de professores por material que os auxiliassem.

Exemplos de publicação neste contexto são: a edição “Arte brasileira para Crianças” de Marylin Diggs Mange, pela Editora Martins Fontes em 1988, ao qual aborda aspectos da história da arte brasileira descrevendo obras de vários artistas e movimentos, guiados na narrativa por um grão de café, personagem derivado de uma pintura de Portinari. “De olho no MAC”, edição lançada em 1992, pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, apresentando a história da arte brasileira a todos aqueles desejantes a se iniciar em arte. No mesmo ano publicaram junto a Editora Paulinas, o primeiro volume da coleção “Olharte”, sobre Picasso, tomando o acervo do MAC como ponto de partida para o diálogo, sendo o lançamento desta série o início de uma nova fase no campo específico de publicações sobre artes voltadas para o público infantil (SANT’ANNA, 2000).

Assim, se descobriu um mercado ainda não explorado e se abriu novas oportunidades para esse novo gênero editorial. Teve início, então, uma sequência de publicações da qual a pioneira em artes plásticas como tema dos livros infantis brasileiros se deve ao lançamento da coleção “Arte para Criança” da Berlendis&Vertecchia Editora, em 1980.

O primeiro livro da série, “Era uma vez três”, une obras de Alfredo Volpi ao texto de Ana Maria Machado, chamando a atenção aos elementos da pintura por meio de uma história de três triângulos. Porém em virtude da constatação dos métodos de ensino da arte nesse momento, não se propiciou o despertar do interesse no mercado pelo consumo da coleção.

Mas uma iniciativa interessante desta série “Arte para Criança” e de algumas outras que se seguiram, como a coleção “Olharte” proveniente da parceria MAC e Editora Paulinas, foi que se pensou além do mercado editorial, usufruindo da relação propícia entre o livro, a arte e o ensino, desenvolvendo projetos empenhados com a formação estética da criança, incluindo além da publicação dos títulos, várias atividades que envolveram exposições específicas as crianças, formação de professores, distribuição de livros para bibliotecas no intuito de ampliar o alcance destas publicações e consolidar a importância destas no ensino da arte.

1.5.2. Deus Cronos e a gula livresca

Em 1982, a Pioneira Editora com o apoio da Secretaria de Cultura de São Paulo, lançou “História da Arte para Crianças” de autoria da professora Lenita Miranda de Figueiredo, ao qual por meio de um diálogo entre duas crianças e o tio, se aborda desde a pré-história até a Pop-Art, e se dedica um capítulo especial a Cândido Portinari.

Em 1993, Callis Editora traduziu, a coleção inglesa “Famous Childrens”, (Crianças Famosas), iniciando com a publicação dos títulos sobre músicos e, depois, os livros sobre artistas. Já em 1998 traduziu e publicou também a série “Famous Artists” (Artistas Famosos), apresentando a vida e a obra de pintores e escultores pintores.

Em 1995, a Editora Dimensão lançou a coleção “Arte Vida” com títulos sobre pintores, escultores e músicos, trazendo também livros sobre teatro com obras sobre Shakespeare, Nelson Rodrigues e o Grupo Galpão.

Em 1996, a Editora Moderna traduz a coleção “Getting to Know the Greastest Artists” (“Mestres das Artes”), incluindo em seus livros dois suplementos: “Suplemento Didático” para os professores, baseado na “Proposta Triangular”, e o “Suplemento de Trabalho”, seguindo o padrão das antigas fichas de leitura, para as crianças. Fato justificado pelo envolvimento da Editora junto às escolas, distribuindo exemplares gratuitamente,

Em 1996, também foi o ano que a Companhia das letrinhas traduziu duas séries francesas. “L’enfant d’art”, publicando: T de Toulouse Lautrec, M de Monet, M de Matisse etc., em forma de abecedário, onde as vinte e seis letras do alfabeto destacam uma fase, um lugar ou uma característica da obra do artistas-título e “Salut l’artiste!”, com o título “Por dentro da arte”, lançando os volumes sobre Picasso, Giotto, Chagall e Leonardo Da Vinci. Uma curiosidade relevante é que essa coleção foi desenvolvida pelas fundadoras do Musée en Herbe, Paris, Sylvie Girardet e Claire Merleau-Ponty, um museu dedicado

exclusivamente a mostrar a arte ao público infantil. Também em 1996, a Editora do Brasil lançou a coleção “LerArte” publicando o primeiro livro da série “Um fotógrafo chamado Debret” e a Editora Minden publicou a coleção “Encontro com a Arte Brasileira”. Ambas têm como autores, professoras de artes.

Em 1997, A Editora Callis lançou, Portinari – Vou pintar aquela gente, de Nilson Moulin e Rubens Matuck e seguiu publicando, em 1999, Aldemir Martins – No lápis da vida não tem borracha, do mesmo autor e ilustrador.

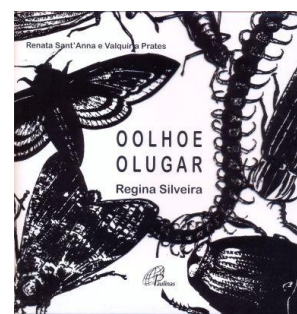
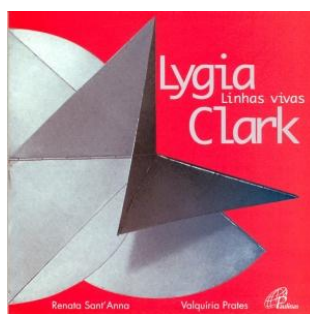
Após a apresentação do guloso Cronos e sua fome insaciável por arte pelos anos que passaram, aproveitando o ensejo para trazer a tona outras questões concernentes ao mercado editorial, há uma observação da pesquisadora Sant’Anna (2000), sobre duas publicações de autoria de professoras, do qual nos faz ponderar e fazer usufruto do dialogo entre os diversos agentes desse contexto. Não é porque se tem formação em arte-educação que se está habilitado a ser um excelente artista, não é porque se tem formação em pedagogia que se sabe escrever excelentes histórias para crianças e assim se dá em outras articulações. Não se pode restringir também a atuação a somente uma área, pode-se ser capacitado para atuar em mais de um ofício e etc. Se tratando de literatura, independente do gênero, é preciso nos atentar a importância do editor:

No caso destas duas publicações “LerARTE” e “Encontro com a Arte Brasileira”, cabe salientarmos problemas comuns ao texto e ao projeto gráfico. Estes problemas são oriundos da falta de participação ou orientação de um profissional da área, como um editor ou um crítico de literatura infantil.

A diferença entre as publicações nacionais que têm um editor responsável e as que são publicadas sem a participação deste profissional é notória. Cabe ao editor o exame do conteúdo e consistência do texto, a análise da adequação da linguagem e da relação entre texto e imagem e indicando de modificações e transformações necessárias para garantir a qualidade do produto final. (SANT’ANNA, 2000, p.51)

Outra questão se dá a respeito das falhas e lacunas levantadas nas análises das três pesquisadoras, sobre existirem problemas nas edições de livros de

artes para crianças, dos quais ainda permanecem. Existem ainda compilações exaustivas, pouco originais, principalmente no que diz respeito sobre a história da arte, equívocos sobre a criança e a infância, que levam ao empobrecimento textual e imagético dos conteúdos, escassez e visão restritiva na publicação, pertinentes principalmente sobre arte brasileira de modo geral, má divulgação dos títulos que existem, tanto sobre a arte em geral quanto sobre seus recortes e preços inacessíveis. Porém, há opções no mercado que atendem os anseios de uma boa publicação por um preço razoável e iniciativas que ainda “não mataram a fome”, mas que vêm prover nutrientes e vitaminas para a necessidade de se alimentar de arte. Um exemplo são os livros publicados pela pioneira sobre este tema de pesquisa no Brasil, Renata Sant’Anna, que já nos presenteou com excelentes publicações:



Depois de falarmos sobre a influência das metodologias do ensino da arte no mercado editorial, há de falar também um pouco acerca da influência dos museus e de suas exposições. Muitas influenciaram a promoção das vendas de livros infantis de “histórias da arte”. As editoras então lançaram e lançam títulos, atendendo não somente a demanda das escolas antes da visita ao museu, mas também a demais interessados em visitar as exposições. Um exemplo é o livro “Linéa no Jardim de Monet” que “17 mil exemplares foram adquiridos pelo governo federal para a rede de ensino público”¹⁰ em detrimento da Exposição Monet, de 28 de Maio a 27 de Julho de 1997 no MASP que levou 401 mil visitantes.

¹⁰ (HIRSZMAN, Maria. Livros para melhor apreciar Monet. SP Variedades, Jornal da Tarde, 01-06-1997 apud SANT’ANNA, 2000, p.53).

Dentro dessa dinâmica, pensando na atualidade, a inclusão nos museus em seus orçamentos em quota destinada a se pensar na produção de catálogos, folhetos ou livros para o público infantil, cresceu substancialmente não deixando a cargo somente da “boa vontade” das editoras o lançamento de títulos que atendam as necessidades de educação, porém há de se observar que muitas dessas publicações, ainda não pensam com a devida atenção sobre as informações, ao público a que se destina, o planejamento visual, entre outros aspectos editoriais que são de extrema importância para serem efetivos em seus propósitos, distribuindo materiais inadequados, muito mais com o objetivo “para inglês ver”, como diria uma antiga expressão idiomática, do que contribuir para o acesso a arte.

Por fim, além do mercado editorial, outros segmentos também foram influenciados por muitas das grandes exposições vindas ao país e ainda hoje o são. Vários produtos usam o recurso das imagens artísticas, reproduzindo-as, nos mais variados suportes, como brinquedos, artigos de decoração, jogos em rede, plataformas virtuais, CD-ROM, entre muitos outros que vão além de objetos socialmente atrelados as artes, como embalagens de sabão em pó e sandálias, sem deixar dúvidas se vamos encontrar ou não para compra no mercado brasileiro.

2. PARA CONTINUAR FOI ASSIM

O presente estudo é uma pesquisa caracterizada como exploratória, a partir da coleta de dados por revisão bibliográfica e documental, direcionado ao objeto livro de arte para criança, cujo tema seja artes plásticas ou artes visuais, de maneira a permitir seu conhecimento reconstruindo a história de uma classificação e recurso de ensino. Também é de caráter descritivo, sob a forma de levantamento, por seleção de amostra significativa do universo de livrarias em funcionamento no Distrito Federal, as tomando como objeto de investigação, interrogando diretamente aqueles que atuam junto aos espaços dentro dessas livrarias, neste caso, os vendedores, procedendo-se a solicitação de informações a esse grupo significativo, por ser um dos agentes de autenticação de tal classificação e categoria acerca do objeto estudado.

Dar-se-á por análise quantitativa (Dione e Laville, 1999) em referência ao acervo disponível para aquisição no período de realização deste trabalho e qualitativa via entrevista, onde foram observadas as variáveis subjetivas não-formais gerando as conclusões correspondentes aos dados coletados, projetando-as para a totalidade do universo a que pertencem, o que nos permitiu colher subsídios para a descrição e análise dos dados referentes ao tema proposto, no caso, o livro de artes plásticas/visuais para criança.

A respeito da coleta de dados, as partes quantitativa, qualitativa e descritiva foram extraídas das visitas e entrevistas a quatro livrarias, as quais, foram escolhidas de acordo com os seguintes critérios¹¹:

- Pesquisa a associação nacional de livrarias e canais de mídias na área correspondentes e ou relacionadas.
- Oferta de variedade de títulos no acervo das lojas físicas.
- Possuir setor de literatura Infantil.
- Ter certa visibilidade dentro do comércio de livrarias em Brasília.

¹¹ Além desses, se considerou critério, o conhecimento da autora acerca do ramo em virtude do exercício do ofício de livreira por quase três anos.

As livrarias escolhidas de acordo com a metodologia adotada seguem listadas abaixo:

Livraria Cultura. Casapark Shopping Center / SGCV – Sul / Lote 22 / Loja 4 A / Zona Industrial Guará / DF / 71215-100.

Livraria Leitura. Conjunto Nacional / SDN Cj. A Lj. C-E / 2º Pavimento / Asa Norte / Brasília / DF / 70007-900.

Livraria FNAC. Park Shopping SAI/SO ÁREA 6580 LUC 149P / Guará / DF

Livraria Saraiva. Shopping Pátio Brasil - SCS/B - Lote A, Nível 1 / Brasília / DF / 70307-000.

Da parte bibliográfica, a busca presencial fez-se a Biblioteca Central da UnB – BCE e as livrarias da cidade, para a construção do objeto no campo específico do conhecimento para o qual se inclina a pesquisa, ao qual se deu na mesma ordem do desenvolvimento deste trabalho, seguindo para levantamento documental acerca de dissertações e teses sem recorte de tempo determinado. Essa etapa aconteceu entre os meses de Janeiro a Abril de 2013, sendo a coleta realizada em sete bancos de dados e um site de pesquisa:

- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior – Capes
- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd.
- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP
- Banco de Dados Bibliográficos da Usp - DEDALUS
- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – UnB
- Biblioteca Central da Unb - BCE
- Google

Dessa busca no idioma português, usando as palavras-chave: “Livro de Arte para Criança”; “Livro de Arte”; “Livro” “Arte”; “Criança” “Arte”; “Livro” “Criança”; “Livro” “Arte” “Criança”, localizei a dissertação *Páginas de Histórias: a criança, o livro e a arte* de Renata Sant’Anna (2000), a tese *A Relação das Professoras e Professores com a Arte por Meio do Livro de Arte para Criança na Rede*

Municipal de Ensino de Blumenau – SC de Carla Carvalho (2008) e o texto, *Livro de arte para Crianças: um desafio na apropriação de imagens e ampliação de olhares*, de Maria Isabel leite (2004).

3. NA LIVRARIA TÊM?

Quando encontro em uma livraria setor de literatura, destinado à crianças, estante, célula, com livros de arte separados, passei por cinco classificações de lugar. Encontrar então um assunto e objeto, neste caso, o livro de artes para crianças, separado em livrarias, nós é uma indicação de importância, pois por algum viés teve esse privilégio e destaque em detrimento dos outros livros guardados no que se entende por “demais”, “resto”, “geral”.

Das livrarias visitadas, uma é de origem europeia e as outras três são brasileiras, porém seus idealizadores também são europeus. Todos vendem produtos além de livros e todas as lojas visitadas ficam em shopping centers. Todas tem setor infantil e a primeira divisão se dá entre literatura infantil e literatura infanto-juvenil.

A idade dos entrevistados varia de 24 a 43 anos. O nível de escolaridade vai de ensino médio completo ao ensino superior incompleto. O tempo de atuação no ofício está entre 5 meses a 5 anos. Sobre a descrição das atividades do cargo, as similaridades são: atendimento de pessoa física por telefone e em loja, organização das sessões e dos cubos expositivos, auxílio na manutenção da limpeza do ambiente e reposição de mercadoria. As divergências vão de atendimento a pessoa jurídica e de pessoa física por e-mail, conferência de alteração de preços, autonomia para organização dos produtos no espaço físico da loja, acompanhamento do atendimento desde a solicitação do livro até que o mesmo chegue às mãos do cliente, orçamentos, propostas e sugestão de acervo.

Acerca da localização do objeto desta pesquisa, somente em uma das livrarias visitadas, há célula na estante com livros de arte para crianças com subdivisões: artes plásticas, cênicas, música, dança e atividades. Nas outras, duas não separam esse tema e uma dessas não separa tema algum no setor e na outra, a entrevistada ao ser perguntada onde se localizaria, indicou como provável lugar célula onde está à inscrição “Livros de Atividades”. Na última livraria, a entrevistada indicou a célula com etiqueta “Entretenimento”.

Quem organiza e determina essa separação nos sistemas e nos bancos de dados em todas as livrarias visitadas são seus setores administrativos ou de recepção e expedição dos livros nas sedes das empresas. Porém os vendedores podem sugerir mudanças e somente em uma delas há espaço para que o vendedor acrescente sem passar por um superior, tags para os produtos ou fazer modificações na sessão.

Por falar em *tags*, lembrando também, das palavras-chaves, do banco de dados, eis mais formas de se separar um tema e facilitar sua busca além das estantes. Algumas das justificativas para esses recursos tangíveis e intangíveis e para as tais divisões, mesmo que essas sejam divergentes e não haveria de ser de outra forma, é que facilita agilizando, a procura dos leitores/consumidores, além da função do vendedor, em auxiliar na busca do que está lhe sendo solicitado. Afinal, nenhum vendedor de livros tem ou terá a leitura sobre todos os títulos que vendem, portanto, ter uma célula ou tags, como recursos para separar os livros ou temas mais procurados ajuda-os a indicar mais assertivamente sem deixar o leitor esperando.

Em todas as livrarias, perguntei aos entrevistados se concordavam com essas separações ou a não existência delas. O entrevistado onde os livros de artes para crianças estariam em “Livros de Atividades” não acha que todo o livro de atividade seja de arte, mas acha que todo o livro de arte é de atividade. Esse raciocínio apareceu nas falas de todos os entrevistados, até mesmo onde se tem a divisão de livros de artes para criança, ao qual a associação do entrevistado incluem os assuntos: culinária, moda, design, não se restringindo somente as artes plásticas. Um adendo é que o tema: culinária para crianças foi considerada por todos os entrevistados como subtema das artes.

Retomando a conversa sobre “Livros de Atividades” ao solicitar indicações à entrevistada, do que ela considerava então arte para criança, como primeiro passo, fez várias perguntas: sobre pra quem seria, pra qual idade, o gênero da criança, qual o objetivo..., pois de acordo com ela: “O mundo da literatura é muito rico, abrange todas as áreas”. Interessante pensar que é mesmo difícil se classificar tudo, porque assim como nós, os livros não são uma única coisa ou

falam somente sobre um tema. Dois outros entrevistados também esboçaram a importância para eles de saber dados como esses.

Dessa compreensão sobre arte, se pode depreender que o significado da arte, como área do conhecimento ainda é nebulosa, turva. Os vícios, as crenças tradicionalistas que associavam a arte somente a lazer, entretenimento, ócio aristocrata, ainda se mantem na fala e portanto, no pensar generalista das pessoas. É a velha mania de entender que facilidade é incluir o novo na extensão do significado de algo antigo, em vez de sair da zona de conforto e dar oportunidade do novo, ser novo.

Sobre a indicação dos livros, todos os entrevistados citaram a associação pelos títulos dos livros ou pelas características do layout ou dos paratextos. Um deles, quando questionado do porque achava que aqueles eram livros de artes para crianças, respondeu que os livros tinham “arte” no título, assim como a palavra “criança”, que os folheando via informações que ensinavam técnicas “iniciais” e as capas eram sempre muito coloridas, com letras diferentes.

Perguntado a eles se já leram algum desses livros, todos responderam que não, mas curiosamente um dos entrevistados disse já ter presenteado um sobrinho com livro sobre o tema, pois o considera importante na formação da criança. Como não o leram, quase nunca indicam a não ser quando são requisitados. Sobre essas procura, das quatro livrarias somente um entrevistado disse nunca ter sido questionado sobre isso, sendo a primeira vez por essa pesquisa e as três restantes disseram já ter atendido leitores em busca do tema, porém foram e são atendimentos pontuais, onde o cliente já lhes traz o título e autor da obra ou lhes é solicitado à mostrar a estante para que o cliente escolha sozinho. A problemática disso é que por não haver essa separação muitas vezes o cliente-leitor deixa de encontrar títulos que o agradariam ou que o permitisse comparar as opções e escolher a melhor. Em virtude da pesquisa houve a oportunidade de dedicar mais de 4 horas a cada uma das livrarias para me encontrar com essas possibilidades de arte-educar. Mesmo na livraria onde o tema é separado, havia alguns títulos que estavam na espera por serem encontrados nas estantes, dos livros organizados em

ordem alfabética pelo sobrenome dos autores, porém, quantos “podem” dedicar horas se perdendo entre as estantes e títulos para achar aquele livro: é esse!

Acerca disso, nas entrevistas com os vendedores, eles utilizaram algumas palavras, as quais demonstram algumas considerações e associações à compreensão sobre o assunto arte, como: “difícil”, “prolixo”, “chato” ou de “dar preguiça”. Isso nos revela de alguma forma, a construção de paradigmas equivocados, que advém da educação a que se tem acesso principalmente nas escolas, por meio dos meios de comunicação e pelas falas que circulam no ambiente familiar e dos demais grupos sociais, citando esses agentes aqui de forma superficial, mas como os principais responsáveis pela construção e autenticação desses e de vários outros paradigmas, que se expandem não somente a livros cujo tema seja arte, mas ao ato da leitura em si, desdobrando sobre outros objetos ou contextos que associamos ao estímulo do pensar, como visitar museus, por exemplo,

Eis um desestímulo: o paradigma, a algo que faz parte da essência do ser humano, que nos é natural: o pensar, que em virtude de muitos considerarem, no nosso caso sobre o objeto arte, sendo somente para a leitura de pessoas “inteligentes”, “cultas”, se restringe a nossa naturalidade pensante, como se só pudesse ser feito por alguns. Dessa forma, é impossível não pensar na ligação entre condição social, poder aquisitivo, política, cultura, significado do livro e do assunto arte, perante a sociedade e seu consumo. Não cabe adentrar neste trabalho a essas questões, assim como não é oportuno aprofundar sobre a influência de editoras e consumo por parte dos leitores, que são os outros agentes que atuam diretamente no recorte dessa pesquisa. Mas pela visita as quatro livrarias, percebo que a separação deste objeto, livro, com esse assunto, arte para criança, para esse estágio do desenvolvimento do ser humano, se autêntica, se põe em evidência, por estímulo a procura, quando o nível de escolaridade é maior e há mais poder aquisitivo.

Sobre a exposição desses títulos, das quatro livrarias, somente uma o faz e oportunamente. No dia da entrevista, por acaso, estava montada em espaço nobre uma exposição sobre o tema ocupando espaço considerável de

destaque, mas a vendedora explicou que não são expostos sempre, porque às vezes falta quantidade de exemplares para se montar uma exposição temática, mas que tenta alternar as exposições com vários temas, sem privilegiar alguns, para mostrar a variedade do acervo, do qual às vezes os clientes desconhecem. Eram 15 títulos entre nacionais e estrangeiros, de: culinária, design, moda, pintura, desenho, misturados a outros produtos vendidos na loja e que dialogam com o tema arte: lápis, cadernos, cadernetas, tintas, *mouse pads* e etc.

Dos títulos mapeados que estão listados no apêndice desta pesquisa, se pode inferir, que divulgar e reconhecer a literatura brasileira ainda fica em segundo plano, ainda se publicando mais traduções de títulos estrangeiros. Assim foi no início da história do livro de arte para criança e ainda o é hoje. Os argumentos levantados por Sant'Anna (2000) para justificar as poucas publicações apesar do aumento no número de edições, não seriam mais somente os de não se encontrar publicações teóricas sobre esses livros na literatura brasileira ou em virtude de pouco tempo de existência desse gênero em nosso país. Diria que a história do livro para criança no país ainda é recente, mas com a velocidade das mudanças tecnológicas que interferem também no mercado editorial não acho que "recente" seja mais uma problemática.

Além disso, também são válidas as observações feitas por Sant'Anna (2000), de que dos poucos livros de arte para crianças, produzidos no país, muitos não contam com a qualidade observada em outras edições infantis apesar de já haver número significativo de livros com qualidade para disputar com as edições estrangeiras. Mas, ainda há predomínio destas e de títulos de artistas internacionais sendo maior que a de brasileiros, assim como a repetição de artistas como Tarsila e Portinari. Por um lado, essa repetição permite ao leitor fazer a melhor escolha, mas o que têm acontecido é um precoce estafamento sobre a arte brasileira a muitos alunos e leitores, antes mesmo de lhes dar a oportunidade de fruir e ter vontade de investigar mais sobre o assunto, prejudicando também o acesso e a divulgação de tantos outros artistas, reduzindo e restringindo o acervo cultural brasileiro, prejudicando a atuação da arte-educação.

Pois bem, o resultado destas entrevistas nos mostra que opções de livros de artes para crianças, no Distrito Federal, não faltam! Foram encontrados 103 títulos disponíveis nas principais redes de livrarias que atendem a cidade. Falta desfazer-nos do equívoco sobre o estímulo a permissão da descoberta que nos contam essa diversidade pelas várias falas da arte e de se proporcionar a construção sobre arte, seja de forma “utilitária”, seja por gozo.

O FIM QUE NÃO ACABA

Gosto da ideia de imaginar alguém, e esse alguém sendo qualquer um, com qualquer sãs variantes fenotípicas possíveis, entrando em uma livraria onde não há gôndolas, etiquetas, placas de nenhum assunto, de nenhum tema, nada que indique nada. A única indicação vem somente da porta de entrada, que convida, para um universo desejante de ser lido. Gosto de imaginar que esse alguém fez prioridade para si, nesse momento, passar horas dentro desse lugar, casa de tantos livros, sem se importar com a rotina, o cotidiano, a passagem do tempo. A imagino lendo: com olhos, paladar, audição, olfato e o toque da ponta de seus dedos, as lombadas dos livros, seus títulos, as tipografias, a encadernação, a textura, até intuitivamente escolher, retirar o tal exemplar da estante, se demorando um pouco mais, o que na verdade não ultrapassa segundos na quantificação do tempo, o manuseio sobre o objeto escolhido. Por fim de uma decisão e início da imprevisibilidade, abrir o que chamamos de capa. Assim descrevo uma cena do que pode ser o usufruto do gozo, de um prazer, que vai além do nome que criamos e lhes atribuímos significados: literatura.

Para imaginar tal vivência, me recordo das palavras de Cecília Meirelles (1979) sobre a literatura Infantil, do qual a criança deveria ter o direito de escolher o livro que desejasse. Penso que assim seria assertivo, mas confesso que para tal usufruto da literatura ou de qualquer outra fala da arte não encontrei ainda verdade absoluta, o que me agrada e me angústia. É mais fácil e rápido encontrar algo para suprir determinadas buscas quando o que se deseja está classificado e isso não é ruim, não se perde muito tempo. Há! Perder tempo. Associamos a nosso talento e vocação nata: a busca, como perder tempo. Pode-se dizer que os “culpados” por tal equívoco seja o tempo e o dinheiro, resumida na célebre frase “*time is money*”. Não cabe a mim, aqui, fazer juízo de valor e trazer discussões sobre sistemas econômicos, mas lhes confesso: Não acho que “tempo é dinheiro” seja o culpado, ou que haja culpa, são apenas escolhas, eleição de prioridades decididas por nós.

Retomando a facilidade que nos proporciona o uso de classificações, assuntos, distinções, separações, como determinar que 50 minutos pertencem a uma disciplina, as aulas de artes por exemplo, são formas que utilizamos para valorizar, dar e mostrar a importância, autenticar algo ou alguém. O livro, por si só, como objeto, já pertence a uma classificação em várias instâncias, algumas delas as cito sem responder: O que significa comprar um livro? O que significa ler um livro? E prosseguindo nas perguntas: O que significa ler um livro de Arte? O que significa comprar um livro de Arte? O que significa comprar um livro de arte para uma criança?

Isso mostra um reflexo sobre os principais agentes da constituição social e como é construído e ensinado o que se entende por arte: Qual a sua funcionalidade e qual a relação do ser humano a compreensão de suas capacidades ao acesso e construção da informação/conhecimento? Enfatizo aqui os agentes, escolas e os meios de comunicação. Compartilharei convosco um exemplo, entre vários que compõem a resposta para esse pergunta. Advindo da minha observação em estágios supervisionados e na minha atuação como arte-educadora, ainda há muitas instituições educacionais, tanto da rede pública quanto particular que tratam seus professores das áreas de artes plásticas, música, cênicas e dança como se para atuar nessas quatro falas da arte, houvesse uma formação única, ignorando que há formação distinta e dedicação a cada uma delas por serem diferentes, resumindo a formação e a atuação de licenciados em artes, a polivalência e a ficar responsáveis pela decoração dos eventos da Escola. Esse e demais equívocos mantêm uma compreensão que vai crescendo torta. Eis uma das razões, do porque muitos, não se permitem abrir um livro, seja de arte ou de qualquer outro assunto, não por falta de oportunidade ou acesso, mas por que aprenderam, na escola ou pelos meios de comunicação, a achar que determinados assuntos, livros, só podem ser lidos por pessoas de classe econômica x ou y ou com determinados estereótipos: quem vai academia não lê ou um professor doutor na área de humanas, não pratica esportes. São exemplos simples e até esdrúxulos, porém são ideias que se tornam paradigmas todos os dias, e que auxiliam a propagar o sentimento de desmerecimento, incapacidade do tal ato: ler.

Imaginemos agora a situação de ser indicado a um adulto, um livro que fica na sessão infantil ou que seja classificado como literatura infantil. Já presenciei a manifestação desse obstáculo, onde, por ser um livro para “criança”, a indicação foi interpretada como insulto a “inteligência”.

Há também o aspecto de se restringir o acesso ao conhecimento, à falta do estímulo a procura do conhecimento por si só, pela sua própria busca, mostrando o surgimento de preconceitos tolos e restritivos. Volto ao tópico: Porque um adulto não pode aprender com um livro dito para crianças? Porque é que uma criança não pode beber na fonte do conhecimento e tem de ficar somente com textos adaptados, ver ilustrações e não a obra de arte? É claro, que há diferenças psico-mentais de desenvolvimento entre uma criança e um adulto, e se pensarmos bem sempre há entre todos nós. Sendo radical em crítica acerca do ensino regular, um equívoco há muito é ensinado sobre a procura e a construção do conhecimento. Não estou dizendo que não deve haver seleção sobre as informações, cuidado em disponibilizadas para determinados grupos, mas recortando minha fala sobre a arte, como área de conhecimento e sobre a literatura infantil (que muitas vezes não é feita para criança, mas para uma infância não restrita a cronologia do desenvolvimento do corpo), o quão se faz problemático se deixar vivenciar a fruição seja de uma obra literária, seja de uma obra plástica/visual? Quem disse que aquele que interpela por conhecer não vai preferir ou encontrará algo que atenda melhor suas necessidades, seja de uma criança ou de um adulto, no setor de artes, no setor de literatura infantil ou até mesmo em algum romance policial que aparece como solução inesperada? Aprender sobre arte, é poder ter a liberdade de consultar qualquer fonte, assim como qualquer outra área do conhecimento. Humanas, exatas, elas são dependentes, é um processo colaborativo sempre. Não dá pra se pensar tudo separado, porque vivenciamos tudo junto e misturado, como se o cotidiano e a vida fossem um liquidificador gigante. Sempre há uma conexão. Não dá pra escrever somente na terceira pessoa, quando o tema da pesquisa, é e foi parte da vivência do pesquisador. Não dá para querer isolar tudo. Nada está isolado.

Pensando ainda sobre o papel dos vários agentes desse processo, a responsabilidade de produzir e promover uma literatura em número e qualidade, não é somente de um, mas da união e do envolvimento do trabalho de muitos: de autores, editores, bibliotecários, livreiros, entidades de promoção da leitura, profissionais do livro, professores e leitores, que escrevem juntos a história da literatura, no nosso caso do livro de arte para criança.

Não é porque um adulto já foi criança que certamente escreverá um texto que alcance esse leitor na compreensão e na fruição. Literatura Infantil não se trata de usar diminutivos, orações curtas e uma ilustração. Para falar de arte não basta colocar uma fotografia de um quadro de um lado e a biografia do outro. É preciso haver mais comprometimento de todos esses agentes em lidar com a literatura infantil, com toda a literatura! , com todo o respeito que ela merece:

Ah não esquecer de olhar bem olhado o livro. A capa, o formato, a diagramação, os tipos de letras, a paginação, as ilustrações. Ver o que enriquece, o que atrapalha, o que destoa, o que amplia. Folhear devagarinho. Saborear ou se irritar. Aplaudir ou reclamar. Sem perder de vista que fazem parte do livro. É um todo que precisa ser harmonioso, coerente. Um texto tem que ser bem editado. Caprichado. Bonito, inteligente, bem sacado. Pra seduzir, envolver e não afastar. Maior boniteza, quando bem feito. (ABRAMOVICH, 1996 apud SANT'ANNA, 2000, p.130)

E esse preciosismo, esse carinho, esse respeito com o livro é necessário. Esse suporte, que ainda vai sofrer muitas modificações, nos dá acesso, provendo-nos muitos dos “nutrientes” de que precisamos para nosso desenvolvimento em todas as instâncias. A Leitura é alimento e se nutrir com qualidade demanda pesquisar, questionar, analisar para então se fazer a escolha adequada para matar essa fome, saciar essa sede, na porção equilibrada que cada organismo pede, não nos eximindo de saborear com prazer cada “mordida”, cada página virada. Reconhecendo então como um hábito a ser desenvolvido, um estímulo a ser propiciado, pois a maioria se comporta como se o prazer, o amor, o desejo de se ler, fosse algo inerte na intimidade humana e se passa a viver na expectativa de que algum dia alguém ou alguma coisa possa nos despertar em toda sua potência, numa espécie de fenômeno encantado. Claro que existem exceções, mas se tratando da diversidade que

graças vivenciamos, desde o primeiro mês de vida de um novo ser, ler uma boa história em voz alta ao lado do berço, mal, lhes garanto que não vai fazer. Potencializa aqueles que já têm predisposição e inicia aos demais ao universo que está gratuitamente a todos disponível.

Por fim, lembrando-se das diversas conexões e maneiras de que o livro, a literatura contribui para se ampliar e instigar ainda mais o desenvolvimento e participação na criação e uso de alternativas na prática do arte-educar, trago exemplo de diálogo entre áreas, localizado no texto de Ana Mae Barbosa (2008), *Arte Educação não é mero exercício escolar*, onde a autora nos leva a refletir sobre a necessidade da arte para o ser humano no momento da alfabetização, onde a mesma não se faz apenas juntando letras. Há uma alfabetização cultural que é essencial para significação da letra, “A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal” (BARBOSA, 2008, p.28). Ou seja, a arte facilita o desenvolvimento psicomotor sem podar o processo criador, ativa, assim, uma visualidade que auxilia a diferenciar os aspectos gestálticos e visuais das palavras. Tal diferenciação é uma capacidade básica para apreensão do código verbal, que também é visual. Aquele que sabe escrever, não pode jamais dizer que não desenhar.

O livro de arte para criança congrega então, muitas áreas do saber e não limita as possibilidades, as conexões, é mesmo infinito e se expande constantemente assim como o universo, isso é criação. Nós e que cometemos muitas vezes o sacrilégio de limitar a capacidade das coisas, dos seres. Essa pesquisa é uma janela que se abre pra você leitor, o caminho de reconhecer, valorizar, usar e abusar desse objeto criativo em seu todo — o livro de arte para criança — seja como arte-educador, como pai, mãe, como leitor que és. Eis aqui um universo que anseia por ser lido e só você pode amenizar essa ânsia.

A CURIOSIDADE NÃO É SÓ MINHA

Pesquisar! Eis aí o nosso talento! E para conseguir pensar um pouco sobre o livro de arte para criança, descobri nas estantes e navegando pela internet muitas pessoas curiosas, que me ajudaram a fazer esse “bolo” que não é de chocolate, nem tem cereja no topo, mas que conclui mais uma etapa da minha formação. Espero poder com esses ingredientes auxiliar você também a criar a sua receita:

AMARAL, Maria Lúcia. Criança é criança: literatura infantil e seus problemas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

AMARAL, Tarsila do. O Anel Mágico de Tia Tarsila. Cia. das Letrinhas, 2011.

ANHOLT, Laurence. O Jardim Mágico de Claude Monet. Log On (livros), 2008.

ARIES, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BACHELARD, Gaston. O Ar e os Sonhos. Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARROSO, Ana Beatriz. Arte, conhecimento e livros virtuais. In: #10.ART, 2011, Brasília. Anais #10.ART, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 21^a edição revista.

BEIGUELMAN, Giselle. O livro depois do livro. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CARVALHO, Carla. A relação das professoras e professores com a arte por meio do livro de arte para criança na rede municipal de ensino de Blumenau – SC. (314 p.). Tese, Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-SC, 2008.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, Roger. Cultura, Escrita, Literatura e História: conversas com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

DIONE, Jean e LAVILLE, Christian. A construção do Saber – Manual de metodologia da pesquisa em ciências. Porto Alegre: ARTMED Editora, 1999.

FIGUEIREDO, Lenita Miranda de. História da Arte para Criança. Cengage, 2010.

FILHO, Antenor Antônio Gonçalves Filho. Educação e Literatura. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GARRALÓN, Ana. Ficção e informação: tendências nos livros informativos. Disponível em: <<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=126>> .Acesso em: 28 de Fevereiro. 2012.

GÓES, Luciana Pimentel. Introdução à Literatura Infantil e Juvenil. São Paulo: Pioneira, 1984.

HUNT, Peter. Crítica, Teoria e Literatura Infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LEITE, Maria Isabel F.P. Livros de Arte para crianças: um desafio na apropriação de imagens e ampliação de olhares. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt16/t169.pdf>> . Acesso em: 28 de Fevereiro. 2012.

LINDEN, Sophie Van der. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LÜHNING, Angela. Fotografando Verger. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.

MAGALHÃES, Ligia Cademartori e ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MARTINS, Alberto. A História de Biruta. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004.

MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. São Paulo: Sumus, 1979.

PERROTTI, Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo: Ícone Editora, 1986.

SANT'ANNA E SILVA, R. T. N. Páginas de história: a criança, o livro e a arte. (206 p.). Dissertação (Mestrado em Comunicações e Artes) - Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2000.

SILVEIRA, Paulo. A página violada: da ternura a injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SOSA, Jesualdo. A literatura Infantil: ensaio sobre a ética, a estética e a psicopedagogia da literatura infantil. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.

ZILBERMAN, Regina. A literatura Infantil na Escola. São Paulo: Global Editora, 1985.

Apêndice A - Livros de Artes para Crianças

Apresento, neste apêndice, os títulos dos livros de arte para crianças que foram coletados entre as datas de 20 de Abril e 25 de Abril de 2013, nas quatro livrarias visitadas, localizadas em Brasília, Distrito Federal. Foram 103 livros aos quais estão abaixo organizados com os mesmos critérios das referências bibliográficas.

- ACEDO, Rosane. **Encontro com Portinari**. Formato, 2001.

- AIGNER-CLARK, Julie. **Baby Einstein – O Mundo colorido de Van Gogh**. Caramelo, 2010.

- AMARAL, Aracy A; TORAL, André. **Arte E Sociedade No Brasil, V.2 - 1957 A 1975**. São Paulo: Callis, 2011.

- AMARAL, Aracy A; TORAL, André. **Arte E Sociedade No Brasil, V.3 - 1976 A 2003**. São Paulo: Callis, 2010.

- AMARAL, Tarsila do. **O Anel Mágico de Tia Tarsila**. Cia. das Letrinhas, 2011

- **ANHOLT, Laurence. Degas e a Pequena bailarina**. Log On livros, 2008. (Coleção: Para gostar de Arte)

- **ANHOLT, Laurence. Leonardo e o Menino que voava**. Log On livros, 2008. (Coleção: Para gostar de Arte)

- **ANHOLT, Laurence. Picasso e a menina com Rabo-de-Cavalo**. Log On livros, 2008. (Coleção: Para gostar de Arte)

- ARANHA, Cecilia; VIEIRA, Rosane Acedo. **Encontro com Krajcberg**. Editora Formato, 2012. (Coleção: Encontro com a Arte Brasileira)

- ASHFORTH, Kate; KONYE, Paul. **Desenhos Incríveis para Meninas**. Girassol, 2012.

- ASSIS, Machado de; BARAVELLI, Luiz Paulo. **Adão e Eva**. Berlendis&Vertecch, 1996.

- ANTOINE-ANDERSEN, Veronique. **Arte Para Compreender O Mundo**. São Paulo: SM Editora, 2007. (Coleção: Temáticos.)

- BJORK, Christina. **Lineia no jardim de Monet**. São Paulo: Salamandra, 1992.

- BLAKE, Quentin; CASSIDY, John. **Desenho - Para descobrir o artista interior**. Catapulta, 2010.

- BOOKS, Carlton. **Livro de Atividades de Ciências e Invenções**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2012.

- BOUTAN, Mila. **Picasso e seus mestres**. São Paulo: Cia. Das Letrinhas, 2012.

- BRAGA-TORRES, Angela. **Brincando com Arte – Tarsila do Amaral**. Noovha America, 2009. (Coleção Brincando com Arte)

- BREZINA, Thomas. **Quem vai achar o tesouro de Van Gogh?**. Editora Ática, 2006. (Coleção: Museu da Aventura)

- BREZINA, Thomas. **Quem vai decifrar o código Leonardo?**. Editora Ática, 2005. (Coleção: Museu da Aventura)

- BRITO, Alexandre. **Museu Desmiolado**. Editora Projeto, 2011.

- BRITTO, Romero. **Cores Divertidas!**. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2012.

- BROCKLEHURST, Ruth; DICKINS, Rosie; WHEATLEY, Abigail. **Descubra o mundo dos artistas famosos**. Usborne, 2012.

- CAMOSSA, Silvia. **Escolhas que brilham- Artes**. São Paulo: Callis, 2010.

- CAÑIZO, José Antonio del. **O Pintor de lembranças**. Editora Projeto, 1995.
- CANTON, Katia. **Gravura Aventura**. São Paulo: DCL, 2012.
- CANTON, Katia. **Beijo de Artista**. São Paulo: COSACNAIFY, 2012.
- CARLE, Eric. **O artista que pintou o cavalo azul**. São Paulo: Kalandraka Brasil, 2011.
- CAULOS. **Van Gogh e a cor do Sol**. Rocco, 2012.
- CHALITA, Pierre. **O Anjo no galinheiro**. Berlendis&Vertecch, 1986.
- CIPIS, Marcelo. **Os sonhos de Abaporu**. São Paulo: Caramelo, 2012.
- COURTAULD, Sarah; DAVIES, Kate. **O museu impressionista em Adesivos**. Usborne, 2011.
- CUNHA, Maria Eduarda Rangel Vieira da; WAPLER, Alice Seibel. **Vamos fazer arte com o azul anil?**. Mediação Editora, 2011.
- CURTO, Rosa Maria. **Personagens – Vamos desenhar!**. Ciranda Cultural, 2010.
- CURTO, Rosa M. **Vamos Desenhar!- Seres Fantásticos**. Ciranda Cultural, 2010.
- CURTO, Rosa M. **Vamos Desenhar!- A Fazenda**. Ciranda Cultural, 2010.
- CRISPUN, Denise; MASSARANI, Mariana. **Serradacapivara.com – os incríveis desenhos desses homens misteriosos**. São Paulo: Global editora, 2012.
- DEUCHARS, Marion. **Vamos Fazer um monte de Arte**. São Paulo: Pinakothke, 2012.

- DICKENS, Rosie. **Meu livro de Arte com adesivos**. Usborne, 2012.
- DISNEY. **Pequena Sereia – Aventuras no Parque de Diversões**. São Paulo: DCL, 2012. (Coleção Aquarela Disney)
- DORLING Kindersley. **Meu Livro de Artes**. São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha - Série Infantil)
- DUCATTEAU, Florence. **Visitando um Museu**. São Paulo: Brinque-Book, 2011.
- DUGNANI, Patrício. **Beleleu e as cores**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- DUMONT, Savia. **Candinho e o projeto guerra e paz**. São Paulo: Cia. das letrinhas, 2012.
- EMBERLEY, Ed. **Desenhando Faces**. São Paulo: Panda Books, 2007.
- FABBRI, Angelica Policeno. **Brincando com Arte – Portinari**. Noovha America, 2004. (Coleção Brincando com Arte)
- FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com Arte**. Ediouro, 2004.
- FETH, Monika. **O Pintor, a Cidade e o Mar**. São Paulo: Brinque Book, 1997.
- FIGUEIREDO, Lenita Miranda de. **História da Arte para Crianças**. Cengage, 2010.
- GALDINO, JEFFERSON. **Brincando com Arte – Ranchinho**. Noovha America, 2003. (Coleção Brincando com Arte)
- GIRARDET, Sylvie. **Os quadros divertidos do Arcimboldo**. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2008. (Coleção: Por Dentro da Arte).
- GOMI, Taro. **Rabiscos – Um livro para pintar e desenhar**. São Paulo: COSAC NAIFY, 2009.

- GUTFREIND, Celso. **O Caminho do Pintor**. Projeto POA, 2008.

- GUTMAN, Anne. **Penélope no Louvre**. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2008. (Coleção: Pop-up)

- GRAVEL, Elise; PHILLIPS, Karens. **Doodle Journal: My Life in Scribbles**. Klutz, 2010.

- KINDERSLEY, Dorling. **Meu livro de artes: Animais**. São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha-Série Infantil)

- KONNECKE, Ole. **O segredo de Anton** – ajude o autor a completar os desenhos. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- LÜHNING, Angela. **Fotografando Verger**. Cia das Letrinhas, 2011. (Coleção: Memória e História)

- MACHADO, Ana Maria. **Era uma vez três**. Editora Berlendis&Vertecch, 2009.

- MARTINS, Alberto. **A floresta e o Estrangeiro**. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2000.

- MASON, Antony. **No tempo de Warhol**. São Paulo: Editora Callis, 2010. (Coleção: Arte ao redor do Mundo)

- MERLEAU-PONTY, Claire. **As cores de Van Gogh**. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2008. (Coleção: Por Dentro da Arte).

- MIRANDA, Ana. **Tomie: Cerejeiras na Noite**. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2006. (Coleção: Memória e História)

- MÖLCK-TASSEL, Bernd (org.). **Zigue-Zague: O livro de rabiscos – Imagens para completar**. Rocco, 2011.

- MÜHLBERGER, Richard. **O que faz um Monet um Monet?**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

- MATUCK, Rubens; MOULIN, Nilson. **Aldemir Martins - No lápis da vida não tem borracha.** São Paulo: Callis, 1999. (Coleção: Artistas Brasileiros)

- NACCA, Regina Mazzocato. **Maquetes e miniaturas - monte sua mini cidade.** Editora Giz Editorial, 2012.

- NASCIMENTO, Rosana Paiva do. **Brincando com Colagens, recortes e dobraduras.** São Paulo: Global Editora, 2002.

- NICHOLSON, Sue; ROBINS, Deri. **Estampas e Efeitos especiais.** Editora Girassol, 2013. (Coleção: Brincando com Arte)

- NICHOLSON, Sue; ROBINS, Deri. **Pintura.** Editora Girassol, 2013. (Coleção: Brincando com Arte)

- NICHOLSON, Sue; ROBINS, Deri. **Desenho, esboço e caricatura.** Editora Girassol, 2013. (Coleção: Brincando com Arte)

- OBIOLS, Anna. **Degas - Marie e Degas são amigos.** Ciranda Cultural, 2012.

- OBIOLS, Anna. **Gauguin - Jotepha e Paul são amigos.** Ciranda Cultural, 2012.

- OBIOLS, Anna. **Monet - Philippe e Claude são amigos.** Ciranda Cultural, 2012.

- PALACIO, Hellen. **Pintor de Jundiaí - o mal que vem para o bem.** Editora Vida e Consciência, 2010. (Coleção: Contando e Cantando – Cantigas de Roda)

- PITAMIC, Maja. **Fazendo Arte.** São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha, Série Infantil)

- PELLEGRINI, Sandra Brecheret. **Contando a arte de Brecheret.** Editora Noovha America, 2009. (Coleção: Contando a Arte de)

- PENROSE, Antony. **O menino que mordeu Picasso.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

- ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Luzes e Sombras**. São Paulo: Pinakothèque, 2002. (Coleção: História da Arte Brasileira para Crianças)

- ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Arte Popular Na America Hispânica**. São Paulo: Callis, 2010.

- RENNÓ, Regina. **Lápis de Cor**. Editora do Brasil.

- REYNOLDS, Peter H. **O Ponto**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

- ROBSON, Kirsteen. **Livro de Desenho para Meninas**. Usborne, 2012.

- ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. **O livro das Tintas**. Melhoramentos, 2011.

- ROGERS, Kirsteen. **Livro de desenho para meninos** . Usborne, 2012.

- SANT'ANNA, Renata. **Almanaque do Sítio - História da Arte**. Globo, 2009.

- SANT'ANNA, Renata. **Para Comer com os Olhos**. São Paulo: Panda Books, 2011.

- SIRKIS, Silvia. **Vicent ama as cores**. Autêntica, 2012.

- SOUSA, Maurício de. **História em Quadrões 2 com a turma da Mônica**. Editora Globo, 2010.

- SPENCE, David. **Cezanne**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Coleção: Artistas Essenciais)

- SPENCE, David. **Degas**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Coleção: Artistas Essenciais)

- SPENCE, David. **Gauguin**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Coleção: Artistas Essenciais)

- SPENCE, David. **Rembrandt**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Coleção: Artistas Essenciais)

- SPENCE, David. **Renoir**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Coleção: Artistas Essenciais)
- SPENCE, David. **Manet – um novo realismo**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- STELZER, Francisco. **O Peixe-pintor**. Dash Editora, 2011.
- TIRAPELI, Percival. **Arte Colonial: Barroco e Rococó – Do século XVI ao XVIII**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. (Coleção: Arte Brasileira)
- THOMSON, Ruth. **O grande livro de Arte e Criatividade**. Ciranda Cultural, 2012.
- TORRES, Laura. **Transforme sua festa**. Editora Ciranda Cultural, 2011.
- VACCARINI, Daniela. **Contando a arte de Vaccarini**. Editora Noovha America, 2003. (Coleção: Contando a Arte de)
- VLADY. **Arte De Fazer Com Papel, A, V.1 – Animais**. Memoriarte, 2012.
- VENTURA, Nancy Caruso. **Brincando com Arte – Maroubos**. Editora Noovha America, 2003. (Coleção: Contando a Arte de)
- ZAKZUK, Maisa. **Meu Museu**. São Paulo: Panda Books, 2004.
- WIESNER, David. **Art & Max**. Clarion Books, 2010.

Apêndice B – Termo de consentimento e autorização

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais
Graduando: Dayla Gonçalves Duarte
Professor orientador: Luiz Carlos Pinheiro Ferreira



Termo de Consentimento e Autorização

Eu, _____ declaro para os devidos fins, que concordo, por livre e espontânea vontade, e autorizo a aluna de graduação Dayla Gonçalves Duarte a realizar pesquisa de campo como parte do trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Artes Plásticas na Universidade de Brasília, Departamento de Artes Visuais. Estou ciente de que a pesquisa tem por objetivo registrar percepções e comentários sobre “O livro de Arte para Criança”. A pesquisa objetiva, ainda, investigar essa classificação por meio de um de seus agentes de autenticação, as Livrarias pela fala do livreiro e realizar análise quantitativa dos títulos disponíveis para compra do acervo consultado no período desta entrevista. Estou igualmente ciente de que estes objetivos serão buscados através de observação, anotações, entrevista e registros em fotos do ambiente e do desenvolvimento da pesquisa.

Observações:

- O estudo não tem fins lucrativos;
- As informações prestadas serão confidenciais;
- Será mantido o anonimato do participante através da proteção de seu nome e alteração da imagem;
- A participação será voluntária;
- A qualquer momento o colaborador pode cancelar sua participação comunicando esta decisão ao responsável pela pesquisa, e
- Nada será publicado sem a autorização do colaborador.

Autoridade responsável

Pesquisador

Brasília, _____ de _____ de 2013.

Apêndice C – Questões guias para entrevista



Universidade de Brasília
Departamento de Artes - VIS
Instituto de Artes Visuais - IDA

Pesquisa sobre o livro de artes plásticas/visuais para criança.

Prezado, livreiro,

Estas perguntas fazem parte de uma pesquisa de conclusão de curso de artes plásticas licenciatura da Universidade de Brasília, cujo objetivo é conhecer o espaço destinado, o acervo disponível e a organização do objeto de estudo: o livro de artes plásticas/visuais para criança.

Serei muito grata a sua gentil colaboração em responder as questões propostas.

Cordialmente,

Dayla Duarte

Questões e informações guias para a entrevista:

Loja física visitada

- Endereço
- Breve histórico da empresa e da loja

Entrevistado

- Identificação
- Cargo e função
- Tempo que atua nesse ofício e especificamente nessa empresa.
- Há vendedores responsáveis pelas sessões?
- Quem organiza e determinada à disposição, separação e classificação desses livros?

O livro de Arte para Criança

- Há sessão de literatura Infantil? Como está organizado?
- Existem separados, livros de ensino de artes para crianças? Onde?
- Se houver lugar fisicamente específico, há alguma separação entre eles, como de artes cênicas, música, desenho e demais possibilidades?
- Se não houver, você saberia me indicar alguns títulos?
- Porque você acha que esses livros ensinam artes?
- Porque você acha que esses livros são para crianças?
- Você já leu algum deles? Se sim, Quais? Foi (foram) escolha(s) sua(s)? Alguém lhe indicou?
- Há procura desses títulos?
- Normalmente eles são expostos como? Há algum em promoção?

*Solicitar permissão para listar os títulos localizados nessa classificação, seja pela fala do entrevistado, seja pela separação física dos mesmos.

Apêndice D – Entrevistas

Livraria A

Data: 22 de Abril de 2013.

Entrevistado

Idade: 25 anos.

Nível de Escolaridade: Ensino Médio

Cargo e Função

Vendas. Organizar sessões e cubos de exposição, limpeza das estantes e atendimento em loja e por telefone de clientes.

Tempo de loja: 5 meses

Loja

A loja tem primeiro e segundo andar. A sessão de literatura infantil fica no segundo. Não existe vendedor específico para vender os livros na sessão, qualquer pode fazê-lo, porém há dois vendedores que são responsáveis pela organização das estantes, pela divisão dos temas e dos cubos de exposição tendo liberdade para deliberar os critérios. No dia da pesquisa havia somente um vendedor responsável pelas sessões do segundo andar.

Livros de Arte para Criança

No setor de literatura infantil, a organização formal dos livros é por editora, não havendo distinção de temas e consequentemente não há separação para os livros de arte para crianças. Apesar da afirmação do vendedor de que não há divisão, percebi que elas existem, mesmo que não conscientes na separação de alguns tipos de livros, como: os pop-ups, os de atividades e jogos, livros com texturas ou fantoches, de formatos pequenos encartonados e livros relacionados às religiões para criança.

Solicitado a me indicar a estante ou títulos de artes para crianças, o vendedor relatou nunca antes ter sido questionado ou solicitado a mostrar livros sobre esse tema e como estratégia para prestar atendimento me perguntou se a procura era sobre livros que falassem de pintura, desenho ou “alguma coisa assim”. Como resposta lhe dei liberdade para me mostrar o que ele achava ser

livros desse tema, porém disse só saber indicar livros que tem muita saída(vendas), recorrendo então a pesquisa no sistema da empresa por palavras-chaves e solicitando ajuda de colega vendedora que passava pelo local no momento. Foi-nos mostrado a coleção da editora Publifolha (ou publifolhinha) com temas de dança, música, mitologia, artes plásticas e artes com recorte sobre pinturas de animais.

Em seguida, questionei, o porquê ele achava que aqueles eram livros de artes, e especificamente para crianças. Respondeu justificando que os livros tinham “artes” nos títulos, assim como a palavra “criança”, os folheando, via informações que ensinavam técnicas e as capas eram sempre muito coloridas, com letras diferentes. Perguntei se ele me mostraria livros de outras artes além de pintura e desenho, ao que me disse que a primeira e única relação, à priori, que fez a solicitação de “livro de Artes para crianças” foi a livros de artes plásticas.

Sobre a leitura desses livros, nunca o fez e que se algum adulto perguntasse sobre livros de artes, o levaria somente na sessão de artes, lembrando-se dos livros para crianças, somente se fosse mencionado que a busca fosse para crianças e que o inverso também não seria indicado, ou seja, se uma criança perguntasse sobre livros de arte, ele a levaria a sessão infantil somente.

Normalmente esses livros não são expostos e enfatizou que literatura infantil em geral, não participa das exposições em lugares privilegiados, somente em ocasiões sazonais como o “Dia das Crianças”. Nenhum dos títulos localizados nas estantes estava em promoção.

Como o vendedor não sabia me indicar outros títulos sobre o tema, pedi para que me ajudasse a encontrar nas estantes outros livros, aos quais os critérios utilizados para busca foi à identificação e classificação propostas por Renata Sant’Anna (2000), já citadas no desenvolvimento deste trabalho. Encontramos 11 títulos:

- BREZINA, Thomas. Quem vai achar o tesouro de Van Gogh?. Editora Ática, 2006. (Coleção: Museu da Aventura)

- BREZINA, Thomas. Quem vai decifrar o código Leonardo?. Editora Ática, 2005.
(Coleção: Museu da Aventura)
- BRITO, Alexandre. Museu Desmiolado. Editora Projeto, 2011.
- CAÑIZO, José Antonio del. O Pintor de lembranças. Editora Projeto, 1995.
- CAULOS. Van Gogh e a cor do Sol. Rocco, 2012.
- DORLING Kindersley. Meu Livro de Artes. São Paulo: Publifolha, 2012.
(Publifolhinha - Série Infantil)
- DUCATTEAU, Florence. Visitando um Museu. São Paulo: Brinque-Book, 2011.
- GOMI, Taro. Rabiscos – Um livro para pintar e desenhar. São Paulo: COSAC NAIFY, 2009.
- GUTMAN, Anne. Penélope no Louvre. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2008.
(Coleção: Pop-up)
- KINDERSLEY, Dorling. Meu livro de artes: Animais. São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha-Série Infantil)
- MÖLCK-TASSEL , Bernd (org.). Zigue-Zague: O livro de rabiscos – Imagens para completar. Rocco, 2011.
- PITAMIC, Maja. Fazendo Arte. São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha, Série Infantil).

Livraria B

Data: 22 de Abril de 2013.

Entrevistado

Idade: 43 anos.

Nível de Escolaridade: Superior Incompleto – Curso de pedagogia

Cargo e Função

Vendas. Responsável por organizar e auxiliar na manutenção da limpeza do espaço. Atendimento em loja e por telefone.

Tempo de loja: há: 2 anos, mas como efetivo em vendas a 1 anos e um mês.

Loja

Possui setor de literatura infantil e infanto-juvenil próximos, mas há espaços separados para ambos. A divisão dentro da sessão é por faixa-etária: 0-3 anos, 3-5 anos, 5-8 anos, 8-11 anos. Essa classificação é realizada pela matriz em São Paulo, podendo ser alterada por sugestão dos vendedores. No setor infantil, há separação de livros para criança somente sobre os temas: religião e livros de atividades.

Existem vendedores responsáveis por cada sessão, porém os mesmos podem vender e atender qualquer tipo de demanda em qualquer lugar da loja.

Livros de Arte para Criança

Não existe lugar separado para tais, porém ao se perguntada, onde estariam livros sobre artes, a vendedora disse haver muitos na divisão “livros de Atividades”. Perguntei se todos os livros de atividades seriam livros de arte, ao que obtive resposta negativa.

Solicitando que indicasse alguns títulos, a vendedora me questionou para quem seria, para menina ou menino, qual a idade, com qual finalidade, qual seria o meu desejo como consumidora. Respondi-lhe dizendo que estava livre para indicar o que quisesse. Mediante essa liberdade ela me interpelou solicitando mais informações, pois, haviam muitos livros: “ O mundo da literatura é muito rico, abrange todas áreas.” Ela optou então por me mostrar os que ela considerava mais interessantes e os que ela mais indicava para os dois gêneros. Títulos indicados:

-101 Coisas de fadas para fazer. Ciranda Cultural, 2012.

-ASHFORTH, Kate; KONYE, Paul. Desenhos Incríveis para Meninas. Girassol, 2012.

-BLAKE, Quentin; CASSIDY, John. Desenho - Para descobrir o artista interior. Catapulta, 2010.

-CURTO, Rosa Maria. Personagens – Vamos desenhar!. Ciranda Cultural, 2010.

-DANN, Penny. A festa secreta das Fadas. Melhoramentos, 2007.

-DICKENS, Rosie. Meu livro de Arte com adesivos. Usborne, 2012.

-JOHNSON, Anne Akers. Pulseiras em tear. Catapulta, 2012.

-GRAVEL, Elise; PHILLIPS, Karens. Doodle Journal: My Life in Scribbles. Klutz, 2010.

- MANUAL para garotas com estilo. Girassol, 2012.

-THOMSON, Ruth. O grande livro de Arte e Criatividade. Ciranda Cultural, 2012.

Na fala da entrevistada sobre o porquê considera esses livros de arte, justificou que, todo o livro que propusesse algo para ser feito que trouxesse materiais, estêncil, lápis ou outro material, ela considerava arte. Citou os livros de culinária para crianças, pois também os considera um tipo de arte. Sobre serem para crianças, acha que esses livros tem uma linguagem mais adaptada a elas e se impressiona com e como os autores, se esforçam e se dedicam a falar com as crianças e para elas.

Foram propostas algumas situações:

Se alguém viesse solicitando livros de história da arte para criança.

A entrevistada lembrou do título, “O Livro Gigante de Arte para crianças” da editora Girassol e em seguida recorreu ao sistema para descobrir e sugerir outros. Localizou a “História da Arte para Crianças” editado pela Cengage Learning, mas que não havia exemplar na loja, mas o poderia encomendar.

Outra situação foi caso alguém a solicitasse livros para o ensino de técnicas de pintura para um adulto que desejasse começar a pintar, como ela procederia. Respondeu que levaria primeiro no setor de literatura infantil, porque lá estariam os livros com as primeiras noções e também porque há pessoas “especiais” aos quais os pais solicitam um material com atividades mais acessíveis, mas possíveis de proporcionar que a pessoa “especial” tenha sucesso no fazer e aprender. O contrário também faria, caso uma criança solicitasse livros nesse contexto, porém pedindo algo mais avançado o levaria a sessão de artes.

A entrevistada revelou também que já a solicitaram indicações sobre esses livros, mas que isso não é frequente, assim como esses títulos estarem em promoção ou em destaque na exposição dos cubos e vitrines da loja.

No segundo momento da entrevista, pedi permissão para ver nas estantes mais títulos sobre o tema. Localizei 23 títulos, onde dois estavam na faixa-etária de 0-3 anos, 3 estavam na de 3-5 anos, 15 títulos nos de 8-11 anos e dois no tema “ Livros de Atividades”. Durante essa busca, de forma espontânea a entrevistada foi confirmando que esses títulos localizados, na compreensão dela, eram livros de arte para crianças. São eles:

- ACEDO, Rosane. Encontro com Portinari. Formato, 2001.
- AIGNER-CLARK, Julie. Baby Einstein – O Mundo colorido de Van Gogh. Caramelo, 2010.
- ANHOLT, Laurence. Degas e a Pequena bailarina. Log On livros, 2008. (Coleção: Para gostar de Arte)
- ANHOLT, Laurence. Leonardo e o Menino que voava. Log On livros, 2008. (Coleção: Para gostar de Arte)
- ANHOLT, Laurence. Picasso e a menina com Rabo-de-Cavalo. Log On livros, 2008. (Coleção: Para gostar de Arte)
- ARANHA, Cecília; VIEIRA, Rosane Acedo. Encontro com Krajcberg. Editora Formato, 2012. (Coleção: Encontro com a Arte Brasileira)
- BROCKLEHURST, Ruth; DICKINS, Rosie; WHEATLEY, Abigail. Descubra os mundos dos artistas famosos. Usborne, 2012.
- COURTAULD, Sarah; DAVIES, Kate. O museu impressionista em Adesivos. Usborne, 2011.
- CURTO, Rosa M. Vamos Desenhar!- Seres Fantásticos. Ciranda Cultural, 2010.
- CURTO, Rosa M. Vamos Desenhar!- A Fazenda. Ciranda Cultural, 2010.
- DUMONT, Savia. Candinho e o projeto guerra e paz. São Paulo: Cia. das letrinhas, 2012.
- OBIOLS, Anna. Degas - Marie e Degas são amigos. Ciranda Cultural, 2012.
- OBIOLS, Anna. Gauguin - Jotepha e Paul são amigos. Ciranda Cultural, 2012.

- OBIOLS, Anna. Monet - Philippe e Claude são amigos. Ciranda Cultural, 2012.
- RENNÓ, Regina. Lápis de Cor. Editora do Brasil.
- ROBSON, Kirsteen. Livro de Desenho para Meninas. Usborne, 2012.
- ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. O livro das Tintas. Melhoramentos, 2011.
- ROGERS, Kirsteen. Livro de desenho para meninos. Usborne, 2012.
- SANT'ANNA, Renata. Almanaque do Sítio - História da Arte. Globo, 2009.
- SIRKIS, Silvia. Vicent ama as cores. Autêntica, 2012.
- STELZER, Francisco. O Peixe-pintor. Dash Editora, 2011.
- WIESNER, David. *Art & Max*. Clarion Books, 2010.

Livraria C

Data: 24 de Abril de 2013.

Entrevistado

Idade: 30 anos.

Nível de Escolaridade: Ensino Médio completo.

Cargo e Função

Vendas. Venda de produtos e serviços, atendimento ao cliente em loja e por telefone, exposição de mercadorias nos pontos de vendas, conferir lista de alteração de preços, mercadorias em promoção, examinar as condições do produto e estado físico na área de vendas, repor mercadorias, colocar embalagens e etiquetas nas gôndolas e/ou atividades de controle.

Tempo de loja: 2 anos

Loja

Há vendedores por sessão, no setor infantil, hoje, atuam três responsáveis, porém todos os vendedores trocam de sessão de tempo em tempo (a ser determinado pela gerência e coordenação de atendimento) e podem atender nas demais sessões.

A organização geral é feita pelo sobrenome dos autores, porém há divisões nas estantes pelas seguintes classificações e categorias:

- Histórias para ler e contar
- Inglês
- Comportamento (organizados por título)
- Religião (Organizados por título)
- Natureza e Meio Ambiente
- Meninos
- Contos
- Entretenimento
- Corpo Humano
- Animais
- Enciclopédias
- Ziraldo/Maurício de Sousa
- Folclore e Lendas
- Poesia
- Personagens
- Monteiro Lobato
- Dinossauro
- Desenvolvimento e Educação
- Clássicos e Contos de Fadas
- Livro Brinquedo
- Primeiros passos - até 3 anos.
- Companhia das Letrinhas (Esta editora fica separada das demais)
- Demais títulos são organizados pelo sobrenome do autor.

Livros de Arte para Criança

Os responsáveis por determinar a que divisão pertence o título e a organização é feita pela matriz da loja e os vendedores devem seguir a mesma consultando o sistema e respeitando as etiquetas nas gôndolas e estantes. Sobre a exposição dos livros, há certa liberdade, onde se pode deliberar a disposição dos itens, principalmente quando há muita quantidade de exemplares ou quando houver uma “ação” combinada junto a uma editora ou autor, por exemplo. Mas sempre conversando com a gerência previamente.

Questionado a entrevistada onde estariam os livros de artes para criança, nos foi indicado à prateleira com a nomenclatura “Entretenimento”. Perguntei se todo o livro de entretenimento para criança era um livro de arte, ao que respondeu positivamente. Nesta sessão foram identificados 43 títulos. Nas estantes organizadas por “sobrenome de autor” e “Companhia das Letrinhas” foram localizados mais 11 títulos.

Perguntei se ela concordava com todos os títulos que haviam sido destinados a essa estante “entretenimento”, respondendo que haviam alguns que discordava, e deu como exemplo o livro “Uma História da Música para Criança” publicado pela Martins Fontes. Justificou-me apontando que acha que esse livro deveria estar classificado como infanto-juvenil, porque a quantidade de páginas e de texto por página, a forma que estavam organizados o texto e a imagem seria uma leitura cansativa para uma criança, mas disse que sempre depende, há crianças com níveis de leitura, gosto, desenvolvimento bem diferentes, sendo necessário analisar caso a caso, mas que pensando de forma generalizada esse era seu raciocínio e que concordava com a maioria dos livros que estavam na sessão e assim os identificava como sendo de arte para criança.

A entrevistada associa as palavras: atividades, criatividade, imaginação, entretenimento, aos livros que considera serem de arte para criança.

Quatro situações de atendimento lhe foram propostas:

Se um adulto solicitasse livro de arte sobre pintura. Respondeu que o levaria diretamente para o setor de Artes, pois não acredita que adultos procurariam livros no setor infantil, não somente sobre esse tema, mas sobre a maioria dos temas, mas salientou que mostraria o setor infantil se o cliente solicitasse.

Se uma criança na faixa etária de cinco a dez anos lhe solicitasse um livro sobre História da Arte. Respondeu que encaminharia para o setor de Artes e que procuraria no sistema alguma opção de livro com as palavras-chaves que formam o assunto desejado.

Se uma criança solicitasse livros para aprender técnicas de desenho ou pintura. Disse-nos que dependeria da idade da criança, mas se fosse uma de 5 anos, mostraria por exemplo o livro “Desenhando com os Dedos” publicado pela editora Panda Books, mas que não considerava esse livro uma opção como livro de Artes que ensine com certitude a desenhar ou a pintar, mas se a criança tiver uns 10 anos, indicaria por exemplo os livros “ Disney -Como desenhar princesas” publicado pela DCL ou “Desenhos incríveis para meninas” publicado pela editora Girassol, porque esses tem um nível de dificuldade maior, porque tem etapas de rascunhos, esboços, exige mais habilidade e conhecimento para entender e usar como recurso para aprender a desenhar, somente se o cliente desejar e disser que deseja algo avançado, o levaria para o setor de Artes.

Se uma criança ou um adulto procurasse um livro sobre a biografia de um artista, como por exemplo do Van Gogh, Leonardo Da Vinci entre outros. Respondeu que sua primeira atitude seria procurar no sistema, afirmou saber da existência de tais publicações além de outros produtos como DVDs sobre, mas não saberia indicar de prontidão sem o auxílio do sistema do catálogo da loja.

No fim da entrevista, disse que em seu crivo os livros de artes para criança deveriam estar na divisão “Desenvolvimento e Educação”, além de “entretenimento”. Disse também, que nunca leu um livro desses inteiros, mas sempre folheia para saber do que se trata para conseguir indicar aos clientes. Já houve procura desse tema nos atendimentos, mas normalmente é algo bem pontual, um livro específico, ou mostra a estante para que o cliente escolha dentre os títulos o que deseja.

Bibliografia localizada na estante com o tema “Entretenimento”:

-ALEGRIA, Doutores da. O livro dos segundos socorros. São Paulo: Panda Books, 2001.

-BOOKS, Parragon. 100 coisas para Fazer e Brincar. DCL, 2011. (Coleção: Feito à mão)

-BULL, Jane. Recicle!. São Paulo: Publifolha, 2009.

- BULL, Jane. Foi Feito por Mim!. São Paulo: Publifolha, 2009.
- BUSSOLATI, Emanuela; CASTAGNA, Raffaella. O plástico. Todolivro, 2012. (Coleção: Brincando vamos reutilizando...).
- BUSSOLATI, Emanuela; CASTAGNA, Raffaella. O papel. Todolivro, 2012. (Coleção: Brincando vamos reutilizando...).
- COLLINGS, Julie; ELTON, Candice. Faz de Conta – como criar um mundo de fantasia. Catapulta (Brasil), 2012.
- COURTAULD, Sarah; DAVIES, Kate. O museu impressionista em Adesivos. Usborne, 2011.
- CRISPUN, Denise; MASSARANI, Mariana. Serradacapivara.com – os incríveis desenhos desses homens misteriosos. São Paulo: Global editora, 2012.
- CULTURAL, Ciranda. Brincando com a Música - Jogando com a Música. Ciranda Cultural, 2011.
- CULTURAL Ciranda. O Livro de atividades do Dragão. Ciranda Cultural, 2011.
- CUXART, Bernadette. Organize-se. Ciranda Cultural, 2012.
- DICKENS, Rosie. Meu livro de Arte com adesivos. Usborne, 2012.
- ESPERTO, Bicho. Aprendendo a dar laço. Bicho Esperto, 2012.
- FETH, Monika. O Pintor, a Cidade e o Mar. São Paulo: Brinque Book, 1997.
- GIRONA, Pablo Castro. et al. Xadrez para Crianças. Artmed, 2002.
- GIROTTI, Ricardo. Fábrica de Brinquedos. Ática, 2010.

- GREEN, Dan. Música - entre no ritmo. São Paulo: Girassol, 2012. (Coleção: Ciência Fácil).
- HACKETT, Jane. Balé Passo a Passo – Aprenda a Dançar Como Uma Estrela. São Paulo: Publifolha, 2012.
- HEUMANN, Hans-Günter; HEUMANN, Monika. Uma história da música para crianças. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- JOHNSON, Anne Akers. Joias de crochê. Catapulta, 2012.
- KINDERSLEY, Dorling. Meu Livro de Artes. São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha - Série Infantil)
- KINDERSLEY, Dorling. Meu primeiro livro de Jardinagem. São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha, Série Infantil).
- KONNECKE, Ole. O segredo de Anton – ajude o autor a completar os desenhos. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- LLIMÓS, Anna. Plástico: Trabalhos manuais em 5 passos. Ciranda Cultural, 2007.
- LUPTON, Ellen; LUPTON, Julia. Eu que fiz. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MELO, Ana Cristina. Amizade Desenhada. Escrita Fina, 2012.
- MERLI, Sérgio. O Camelo, o Burro e a Água. Melhoramentos, 2011.
- MÜHLBERGER, Richard. O que faz um Monet um Monet?. São Paulo: Cosac Naify, 2001.
- MURPHY, Pat. Máquinas Voadoras. Catapulta, 2012.

- NASCIMENTO, Rosana Paiva do. Brincando com Colagens, recortes e dobraduras. São Paulo: Global Editora, 2002.
- NICHOLS, Kaitlyn. Braceletes Incríveis. Catapulta, 2012.
- NICHOLSON, Sue; ROBINS, Deri. Pintura. Editora Girassol, 2013. (Coleção: Brincando com Arte)
- PAILLOUX, Nelly. Bonequinhos de Feltro. São Paulo: Publifolha, 2012.
- PITAMIC, Maja. Fazendo Arte. São Paulo: Publifolha, 2012.
- PERES, Sandra; TATIT, Paulo. Palavra Cantada-*Canciones Curiosas*. Caramelo, 2011.
- RAMÓN, Juan López; SANTLEÓN. Adivinha, Adivinha. Girassol, 2011.
- SUMMERSCALE, Claire. Xadrez. Zastras, 2008.
- RIPOLL, Oriol. Jogos de todas as Estações. Ciranda Cultural, 2011.
- RONZONI, Diego. Oficina de Brinquedos com Material Reciclado. Girassol, 2011.
- SANSON, Suzana. Canta e Dança. São Paulo: Brinque-Book, 1994.
- SCARPELLI, Veridiana. O sonho de Vitória. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- SOUSA, Maurício de. História em Quadrões 2 com a turma da Mônica. Editora Globo, 2010.

Títulos localizados nas estantes “sobrenome de autor” e “Companhia das letrinhas”:

- AMARAL, Tarsila do. O Anel Mágico de Tia Tarsila. Cia. das Letrinhas, 2011.
- CIPIS, Marcelo. Os sonhos de Abaporu. São Paulo: Caramelo, 2012.
- DUCATTEAU, Florence. Visitando um Museu. São Paulo: Brinque-Book, 2011.
- GIRARDET, Sylvie. Os quadros divertidos do Arcimboldo. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2008. (Coleção: Por Dentro da Arte).
- GUTMAN, Anne. Penélope no Louvre. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2008. (Coleção: Pop-up)
- LÜHNING, Angela. Fotografando Verger. Cia das Letrinhas, 2011. (Coleção: Memória e História)
- MARTINS, Alberto. A floresta e o Estrangeiro. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2000.
- MIRANDA, Ana. Tomie: Cerejeiras na Noite. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2006. (Coleção: Memória e História)
- MERLEAU-PONTY, Claire. As cores de Van Gogh. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2008. (Coleção: Por Dentro da Arte).
- REYNOLDS, Peter H. O Ponto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SANT'ANNA, Renata. Para Comer com os Olhos. São Paulo: Panda Books, 2011.

Livraria D

Data: 25 de Abril de 2013.

Entrevistado

Idade: 24 anos.

Nível de Escolaridade: Superior (cursando) – Recursos Humanos

Cargo e Função

Vendas. Atendimento de clientes, pessoa física e jurídica em loja, por telefone e e-mail. Organização e manutenção do espaço físico, disposição dos títulos, acompanhamento dos pedidos de clientes, orçamentos, propostas, sugestões de acervo, vitrine e exposições temáticas.

Tempo de loja: 6 meses. (Esse período sempre no setor infantil)

Tempo que atua como vendedora de livro: 5 anos

Loja

Há separação para os livros de artes na sessão infantil e dentro da mesma, dos temas formais: arte, música, dança e teatro. Foram localizados 73 títulos no acervo dessa separação somente de artes plásticas/visuais. Quem organiza e determina a separação e a classificação desses livros são os vendedores, principalmente os que cuidam do setor infantil. Há bastante liberdade para criar e alterar essas separações, mas são comunicadas e deliberadas junto à gerência. A maioria das divisões temáticas é somente física, porém há o uso constante do recurso de *Tags* para facilitar a busca pelo tema no sistema e pelo site da empresa.

A loja tem setor de literatura infantil com as seguintes divisões:

Autores :

- Eva Furnari
- Ruth Rocha
- Monteiro Lobato
- Ziraldo
- Ana Maria Machado
- Jonas Ribeiro
- Pedro Bandeira
- Maurício de Souza

Personagens :

- Pequeno Príncipe
- Peter Rabbit

Assuntos:

- Animais
- Números e cálculos

- Português
- Enciclopédias
- História
- Dinossauros
- Ciências
- Piratas
- Esportes
- Sustentabilidade e Reciclagem
- Contos e Fábulas
- Mitos e Lendas
- Folclore
- Terror (Vampiros, Monstros, Fantasma, Medo)
- Personagens da TV.
- Guias de viagem para crianças
- Corpo Humano
- Culinária
- Religião
- Poesia
- Sexualidade
- Ética e filosofia
- Livros em Braille
- Biografias
- Piadas
- Jogos Educativos em CD-ROM
- Outros idiomas
- Onde está Wally e outros na mesma linha.

Atividades:

Artes

Música

Dança

Teatro

Trabalhos Manuais

Atividades com Papel (Origami, dobraduras)

Massinha de Modelar

Livros com adesivos

- Pop-ups
- Princesas
- Princesas Disney
- Disney
- Produtos Faber-Castell
- Produtos Toyster (brinquedos)
- Legos
- De 0 a 3 anos de idade:

Quebra-cabeças

De banho

Sonoros

Fantoches

Livros de Pano

Produtos exclusivos da Livraria Cultura para crianças.

Demais títulos são separados por Editoras.

O livro de Arte para Criança

Sobre a indicação desses livros, a entrevistada apontou como primeira ação levar quem solicita tal tema até a estante onde os mesmos estão separados, facilitando assim também a indicação. Quando perguntada sobre subtemas como biografia de artistas e história da arte soube apontar livros, na maioria das vezes em virtude da associação aos títulos.

A entrevistada associa as palavras: manuseio, decoração, música, como significados para o ensino das artes. Também disse que o significado de arte é bem abrangente, incluindo assuntos como culinária, moda, design, não se restringindo só as artes plásticas.

No dia da entrevista, havia uma exposição do tema “Artes para Crianças”, em lugar de destaque na loja. A vendedora disse que não são expostos sempre, porque às vezes falta quantidade de exemplares para se montar uma exposição temática, mas que tenta alternar as exposições com vários temas, sem privilegiar alguns, para mostrar a variedade do acervo, do qual às vezes os clientes desconhecem. Títulos em exposição:

- KINDERSLEY, Dorling. Meu livro de artes: Animais. São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha-Série Infantil)
- KINDERSLEY, Dorling. My Art Book Animals. London: DK Publishing, 2012.(Series: My Art Book)
- DEUCHARS, Marion. Vamos Fazer um monte de Arte. São Paulo: Pinakothke, 2012.
- BRITTO, Romero. Cores Divertidas!. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2012.
- DISNEY. Pequena Sereia – Aventuras no Parque de Diversões. São Paulo: DCL, 2012. (Coleção Aquarela Disney)
- Galinha Pintadinha. Editora MELKOOKS, 2013. (Coleção Aquarela Mágica)
- DAVIES, Hannah; GUNNELL, Beth. *Pretty Patterns: Beautiful Patterns to Color!*. Little Simon, 2013.
- DAVIES, Hannah; RYAN, Nellie. *Pretty Costumes: Beautiful Costumes to Color!*. SIMON & SCHUSTER, 2013.
- GLASER, Byron; HIGASHI, Sandra. *Zolocolor! Doodling between back and white*. SIMON & SCHUSTER, 2011.
- GLASER, Byron; HIGASHI, Sandra. *Zolocolor! Christmas Doodling*. Little Simon, 2012.
- MOBILE, Rovio. *Angry Birds* - Livro de receitas dos porcos. Editora VERGARA & RIBA, 2013.
- SMART, Denise. O delicioso livro de quitutes das crianças. São Paulo: Publifolha, 2011.

- AQUINO, Gilda de. Brinque-Book com as crianças na Cozinha. São Paulo: Brinque-Book, 2005.

- GRANT, Amanda. Minhas aulas de culinária. São Paulo: Publifolha, 2012.

Completando a exposição haviam vários *Hand Books*, blocos *Mouse Pad* e *Pocket Books* dos personagens “Charlie e Lola” da empresa teca, especializada em produtos de papelaria.

A entrevistada disse nunca ter lido nenhum livro sobre esse tema, já os folheou e já presenteou um sobrinho. Lê mais críticas e resenhas sobre os livros para poder saber indica-los, saber sobre o que tratam.

Quando perguntada sobre a procura desse tema, disse que há muitos clientes que procuram, eis uma das justificativas para a separação desses títulos na estante, e deu exemplo, a falta de exemplares do livro “Arte para Criança” publicado pela Publifolha que vendeu muito rapidamente e que já está esgotado na editora. Nenhum dos títulos estava em promoção.

Propus algumas situações. Quando questionada sobre atender a um cliente de cinco anos à procura de livros sobre arte, nos indicou livros mais voltados para a prática do desenho, que envolvesse personagens e que fossem mais iniciais como “Desenhando Faces” publicado pela Panda Books. Porém se ele desejasse algo mais intermediário mostraria livros como “ All about drawing Dinosaurs & Reptiles” ou “Desenho, esboço e caricatura” publicado pela editora Girassol, onde se exige mais conhecimento e habilidade, a construção dos desenhos são mais complexos.

Questionada sobre atender um adulto à procura de livros sobre desenho, disse que direcionaria para o setor de artes e que provavelmente não o levaria ao infantil, assim como não levaria uma criança para artes para mostrar livros de desenho, mas pensa ser relativo, relatou que muitas vezes, viu adultos comprando e demonstrando mais empolgação com livros do setor infantil do que as crianças. e que há crianças que preferem os livros “para adultos” do que os que são classificados para elas, mas sobre artes enfatizou que são mais os

pais, adultos que procuram para as crianças do que sendo a criança a procurar e escolher esse tipo de assunto.

Bibliografia localizada na estante “Artes Plásticas/Visuais”:

Em português:

- AMARAL, Aracy A; TORAL, André. Arte E Sociedade No Brasil, V.2 - 1957 A 1975. São Paulo: Callis, 2011.
- AMARAL, Aracy A; TORAL, André. Arte E Sociedade No Brasil, V.3 - 1976 A 2003. São Paulo: Callis, 2010.
- ANHOLT, Laurence. Picasso e a menina de rabo-de-cavalo. São Paulo: Log On, 2008.
- ANTOINE-ANDERSEN, Veronique. Arte Para Compreender O Mundo. São Paulo: SM Editora, 2007. (Coleção: Temáticos.)
- ASSIS, Machado de; BARAVELLI, Luiz Paulo. Adão e Eva. Berlendis&Vertecch, 1996.
- BJORK, Christina. Lineia no jardim de Monet. São Paulo: Salamandra, 1992.
- BOOKS, Carlton. Livro de Atividades de Ciências e Invenções. São Paulo: Ciranda Cultural, 2012.
- BOUTAN, Mila. Picasso e seus mestres. São Paulo: Cia. Das Letrinhas, 2012.
- BRAGA-TORRES, Angela. Brincando com Arte – Tarsila do Amaral. Noovha America, 2009. (Coleção Brincando com Arte)
- BRITTO, Romero. Cores Divertidas!. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2012.
- BROCKLEHURST, Ruth; DICKINS, Rosie; WHEATLEY, Abigail. Descubra o mundo dos artistas famosos. Usborne, 2012.
- CAMOSSA, Silvia. Escolhas que brilham- Artes. São Paulo: Callis, 2010.
- CANTON, Katia. Gravura Aventura. São Paulo: DCL, 2012.
- CANTON, Katia. Beijo de Artista. São Paulo: COSACNAIFY, 2012.
- CARLE, Eric. O artista que pintou o cavalo azul. São Paulo: Kalandraka Brasil, 2011.
- CHALITA, Pierre. O Anjo no galinheiro. Berlendis&Vertecch, 1986.
- CUNHA, Maria Eduarda Rangel Vieira da; WAPLER, Alice Seibel. Vamos fazer arte com o azul anil?. Mediação Editora, 2011.

- DEUCHARS, Marion. Vamos Fazer um monte de Arte. São Paulo: Pinakothèque, 2012.
- DISNEY. Pequena Sereia – Aventuras no Parque de Diversões. São Paulo: DCL, 2012. (Coleção Aquarela Disney)
- DORLING Kindersley. Meu Livro de Artes. São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha - Série Infantil)
- DUCATTEAU, Florence. Visitando um Museu. São Paulo: Brinque-Book, 2011.
- DUGNANI, Patrício. Beleleu e as cores. São Paulo: Paulinas, 2012.
- DUMONT, Savia. Candinho e o projeto guerra e paz. São Paulo: Cia. das letrinhas, 2012.
- EMBERLEY, Ed. Desenhando Faces. São Paulo: Panda Books, 2007.
- FABBRI, Angelica Policeno. Brincando com Arte – Portinari. Noovha America, 2004. (Coleção Brincando com Arte)
- FEITOSA, Charles. Explicando a Filosofia com Arte. Ediouro, 2004.
- FIGUEIREDO, Lenita Miranda de. História da Arte para Crianças. Cengage, 2010.
- GALDINO, JEFFERSON. Brincando com Arte – Ranchinho. Noovha America, 2003. (Coleção Brincando com Arte)
- GOMI, Taro. Rabiscos – Um livro para pintar e desenhar. São Paulo: COSAC NAIFY, 2009.
- GUTFREIND, Celso. O Caminho do Pintor. Projeto POA, 2008.
- KINDERSLEY, Dorling. Meu livro de artes: Animais. São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha-Série Infantil)
- MACHADO, Ana Maria. Era uma vez três. Editora Berlendis&Vertecch, 2009.
- MATUCK, Rubens; MOULIN, Nilson. Aldemir Martins - No lápis da vida não tem borracha. São Paulo: Callis, 1999. (Coleção: Artistas Brasileiros)
- MASON, Antony. No tempo de Warhol. São Paulo: Editora Callis, 2010. (Coleção: Arte ao redor do Mundo)
- NACCA, Regina Mazzocato. Maquetes e miniaturas - monte sua mini cidade. Editora Giz Editorial, 2012.

- NICHOLSON, Sue; ROBINS, Deri. Estampas e Efeitos especiais. Editora Girassol, 2013. (Coleção: Brincando com Arte)
- NICHOLSON, Sue; ROBINS, Deri. Pintura. Editora Girassol, 2013. (Coleção: Brincando com Arte)
- NICHOLSON, Sue; ROBINS, Deri. Desenho, esboço e caricatura. Editora Girassol, 2013. (Coleção: Brincando com Arte)
- PALACIO, Hellen. Pintor de Jundiá - o mal que vem para o bem. Editora Vida e Consciência, 2010. (Coleção: Contando e Cantando – Cantigas de Roda)
- PITAMIC, Maja. Fazendo Arte. São Paulo: Publifolha, 2012. (Publifolhinha, Série Infantil)
- PELLEGRINI, Sandra Brecheret. Contando a arte de Brecheret. Editora Noovha America, 2009. (Coleção: Contando a Arte de)
- PENROSE, Antony. O menino que mordeu Picasso. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- ROSA, Nereide Schilaro Santa. Luzes e Sombras. São Paulo: Pinakothèque, 2002. (Coleção: História da Arte Brasileira para Crianças)
- ROSA, Nereide Schilaro Santa. Arte Popular Na America Hispânica. São Paulo: Callis, 2010.
- SANT'ANNA, Renata. Para Comer com os Olhos. São Paulo: Panda Books, 2011.
- SPENCE, David. Cezanne. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Coleção: Artistas Essenciais)
- SPENCE, David. Degas. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Coleção: Artistas Essenciais)
- SPENCE, David. Gauguin. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Coleção: Artistas Essenciais)
- SPENCE, David. Rembrandt. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Coleção: Artistas Essenciais)
- SPENCE, David. Renoir. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. (Coleção: Artistas Essenciais)
- SPENCE, David. Manet – um novo realismo. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- TIRAPELI, Percival. Arte Colonial: Barroco e Rococó – Do século XVI ao XVIII. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. (Coleção: Arte Brasileira)

- TORRES, Laura. Transforme sua festa. Editora Ciranda Cultural, 2011.
- VACCARINI, Daniela. Contando a arte de Vaccarini. Editora Noovha America, 2003. (Coleção: Contando a Arte de)
- VLADY. Arte De Fazer Com Papel, A, V.1 – Animais. Memoriarte, 2012.
- VENTURA, Nancy Caruso. Brincando com Arte – Maroubo. Editora Noovha America, 2003. (Coleção: Contando a Arte de)
- ZAKZUK, Maisa. Meu Museu. São Paulo: Panda Books, 2004.

Em outros idiomas:

- AUGARDE, Steve. Leonardo Da Vinci. Macmillan Children's, 2009.
- CALDER, Emma. Emma Calder's Moody Days- sticker book. Thames&Hudson, 2010.
- DELAUAUX, Céline. Fernand Leger - la parade des couleurs. Palette, 2008.
- DAVIES, Hannah; GUNNELL, Beth. *Pretty Patterns: Beautiful Patterns to Color!*. Little Simon, 2013.
- DAVIES, Hannah; RYAN, Nellie. *Pretty Costumes: Beautiful Costumes to Color!*. SIMON & SCHUSTER, 2013.
- FOSTER, Walter. All about Drawing Dinosaurs & Reptiles. Walter Foster Creative Team, 2008.
- GLASER, Byron; HIGASHI, Sandra. *Zolocolor! Doodling between back and white*. SIMON & SCHUSTER, 2011.
- GLASER, Byron; HIGASHI, Sandra. *Zolocolor! Christmas Doodling*. Little Simon, 2012.
- GOMI, Taro. *Scribbles – A really giant drawing and coloring book*. Chronicle Books, 2006.
- GOMI, Taro. *Doodles- A really Giant Coloring and Doodling Book*. Chronicle Books, 2006.
- KUTSCHBACH, Doris. Jann Vermeer – Coloring Book. Prestel, 2008.
- Kindersley, DORLING. *My Art Book Animals*. London: DK Publishing, 2012.(Series: My Art Book)
- KIMVALL, Jacob. Graffiti coloring book 2. SCB Distributors, 2010.
- KUTSCHBACH, Doris. Jann Vermeer – Coloring Book. Prestel, 2008.

- OTTESMAN, Eric. *Wizards and dragons stained glass coloring book*. Dover Publications, 2003.
- SCHWAKE, Susan. *Art Lab for Kids – 52 Creative Adventur*. Quayside Publishing, 2012.
- WIESNER, David. *Art & Max*. Clarion Books, 2010.